

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN**

**IMAGINÁRIOS URBANOS DE BRASÍLIA: A FANTASMAGORIA COMO
INCENTIVADORA DA CRIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

**BRASÍLIA
2026**

FREDERICO TALES BEZERRA MATOS DE ALENCAR

**IMAGINÁRIOS URBANOS DE BRASÍLIA: A FANTASMAGORIA COMO
INCENTIVADORA DA CRIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília
para obtenção do título de Mestre em Design
Orientadora: Prof. Dr^a. Daniela Fávaro Garrossini

**BRASÍLIA
2026**

**Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

BA368ii

Bezerra Matos de Alencar, Frederico Tales

IMAGINÁRIOS URBANOS DE BRASÍLIA: A FANTASMAGORIA COMO
INCENTIVADORA DA CRIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS / Frederico
Tales Bezerra Matos de Alencar; orientador Daniela Favaro
Garrossini. Brasília, 2026.

115 p.

Dissertação (Mestrado em Design) Universidade de
Brasília, 2026.

1. Imaginários Urbanos. 2. Fantasmagorias. 3. Assombro
Social. 4. Design. 5. Políticas públicas. I. Favaro
Garrossini, Daniela, orient. II. Título.

IMAGINÁRIOS URBANOS DE BRASÍLIA: A FANTASMAGORIA COMO INCENTIVADORA DA CRIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília
para obtenção do título de Mestre em Design
Orientadora: Prof. Dr^a. Daniela Fávaro Garrossini

Aprovado em: 23/02/2026

BANCA EXAMINADORA

Dra. Daniela Favaro Garrossini – DIN / PPG / IDA - UnB

Dr. Luís Müller Posca – UFS

Dra. Maria de Fátima Rodrigues Makiuchi – CEAM / PPGDSCI / OPCULT - UnB

Agradecimentos

À minha querida orientadora, professora Dr^a. Daniela Fávaro Garrossini por estar sempre disposta a abrir novos caminhos e apresentar novos horizontes. Agradeço pelo amparo constante diante das incertezas e questionamentos que emergiram ao longo de toda a minha jornada reflexiva.

À minha colega de classe, Eneida Figueiredo, com quem tive o prazer de dividir a representação discente do Programa de Pós-Graduação no Departamento de Design da Universidade de Brasília

Às professoras Dr^a. Célia Matsunaga, Dr^a Fátima Aparecida dos Santos e Dr^a Nayara Moreno de Siqueira, por me ouvirem, me ajudarem e me proporem novas ideias. Vocês são verdadeiras luzes em um mundo onde a clareza se esconde.

Ao professor Dr. Tiago Barros Pontes e Silva, pela coordenação da Pós-Graduação em Design e por estar sempre disponível, disposto e paciente em minhas inquietações dentro e fora das reuniões do colegiado.

Ao professor Dr. Breno Tenório Ramalho de Abreu, por ser tão receptivo, acessível e disruptivo. Me ajudou de forma imensurável em suas disciplinas.

À CAPES, por me proporcionar bolsa de estudos durante todo o meu período de pesquisa.

A todo o Departamento de Design, por me acolher em um espaço tão potente de produção de pensamento.

Ao corpo administrativo do programa de Pós-Graduação em Design da UnB, Rodrigo Araujo de Souza.

À Universidade de Brasília, pela educação gratuita, universal e de qualidade.

À minha família, que sempre me apoiou em todos os momentos da minha vida, pelo carinho e amor, especialmente à minha mãe, Vera Lúcia Bezerra, por ser minha primeira professora da vida e que, ainda hoje, é quem mais me ensina. Ao meu pai, Carlos Roberto, por me ensinar a encarar a vida com leveza e alegria. Ao meu irmão, Filipe Henrique, por me acompanhar ao infinito e além em todos os meus devaneios filosóficos. À minha irmã, Lorena Karolina, por ser um verdadeiro alento em dias de tempestade. Aos meus sobrinhos, Miguel e Laura, por me reensinarem a brincar.

Imaginários Urbanos de Brasília: a fantasmagoria como incentivadora da criação de políticas públicas

Frederico Tales Bezerra Matos de Alencar, Universidade de Brasília

fredericotales@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa pretende investigar como os conceitos de Fantasmagoria, conforme delineados por Armando Silva em *Imaginários Urbanos*, podem ser utilizados para promover a criação de novas políticas públicas participativas que melhorem a qualidade de vida dos cidadãos. Justifica-se pela necessidade de integrar os imaginários, afetos e percepções cidadãs na formulação de políticas públicas mais sensíveis, inclusivas e representativas. A pesquisa adota uma abordagem multidisciplinar, articulando fundamentos da psicanálise, da geografia cultural e do *design* urbano. Como método, será realizada a análise de dados do projeto Brasília Imaginada, que aplicou a teoria dos Imaginários Urbanos ao contexto do Distrito Federal, permitindo a identificação e interpretação crítica das fantasmagorias e dos assombros sociais presentes no imaginário coletivo da cidade. A investigação pretende oferecer novas perspectivas sobre a relação entre espaço urbano, identidade simbólica e participação cidadã, contribuindo para a elaboração de políticas públicas mais conectadas com a experiência cotidiana e subjetiva dos habitantes.

Palavras-chave: Imaginários Urbanos, Fantasmagoria, Assombro Social, Políticas públicas, Participação cidadã, Design

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo investigar cómo los conceptos de Fantasmagoría, según lo delineado por Armando Silva en Imaginarios Urbanos, pueden ser utilizados para promover la creación de nuevas políticas públicas participativas que mejoren la calidad de vida de los ciudadanos. Se justifica por la necesidad de integrar los imaginarios, afectos y percepciones ciudadanas en la formulación de políticas públicas más sensibles, inclusivas y representativas. La investigación adopta un enfoque multidisciplinario, articulando fundamentos del psicoanálisis, la geografía cultural y el diseño urbano. Como método, se realizará el análisis de los datos del proyecto Brasilia Imaginada, que aplicó la teoría de los Imaginarios Urbanos al contexto del Distrito Federal, permitiendo la identificación e interpretación crítica de las fantasmagorías y de los asombros sociales presentes en el imaginario colectivo de la ciudad. La investigación pretende ofrecer nuevas perspectivas sobre la relación entre espacio urbano, identidad simbólica y participación ciudadana, contribuyendo a la elaboración de políticas públicas más conectadas con la experiencia cotidiana y subjetiva de los habitantes.

Palabras clave: Imaginarios Urbanos, Fantasmagoría, Asombro Social, Políticas públicas, Participación ciudadana, Diseño.

Abstract

This research aims to investigate how the concept of Phantasmagoria, as outlined by Armando Silva in *Urban Imaginaries*, can be employed to foster the creation of new participatory public policies that improve citizens' quality of life. The study is justified by the need to integrate citizens' imaginaries, affects, and perceptions into the formulation of more sensitive, inclusive, and representative public policies. The research adopts a multidisciplinary approach, bringing together foundations from psychoanalysis, cultural geography, and urban design. Methodologically, it will analyze data from the Brasília Imaginada project, which applied the theory of Urban Imaginaries to the context of the Federal District, enabling the identification and critical interpretation of phantasmagorias and social hauntings present in the city's collective imaginary. The investigation seeks to offer new perspectives on the relationship between urban space, symbolic identity, and citizen participation, contributing to the development of public policies more closely connected to the everyday and subjective experiences of inhabitants.

Keywords: Urban Imaginaries; Phantasmagoria; Social Haunting; Public Policies; Citizen Participation; Design

SUMÁRIO

Introdução	11
Objetivo geral	12
Objetivos específicos	13
1. Pelas tramas do Imaginário: procedimentos de pesquisa	14
2. Fundamentos teóricos: fantasmas, ausências e lacunas	26
3. O assombro social e a ruptura simbólica da cidade	33
4. Fantasmagorias do Distrito Federal	40
5. Brasília Imaginada	53
5.1 Croquis urbanos: mapas afetivos e centralidades simbólicas	64
5.2 Qualidades atribuídas: afetos urbanos e ambivalências	66
5.3 Cenários urbanos: lugares de alegria, perigo e tristeza	69
5.4 Temporalidades: passado idealizado e presente fragmentado	71
5.5 Marcas cidadãs, rotinas e outredades	72
5.6 Síntese empírica: principais fantasmagorias identificadas	73
6. Da utopia à ruptura de um Imaginário	75
6.1 Os caminhos do Imaginário	85
Considerações finais	87
Referências	91
Anexo I — Questionário: PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo — CYCLI BRASÍLIA IMAGINADA	94
Anexo II — Tabela: Pontos de vista	115

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Projeto do Plano Piloto elaborado por Lucio Costa	22
Figura 2 — Vista superior da Torre de TV, na área central de Brasília	23
Figura 3 — Imagem aérea da Asa Norte, em Brasília	23
Figura 4 — Praça Lourival Bandeira no Gama, Distrito Federal	48
Figura 5 — Ceilândia, Distrito Federal	48
Figura 6 — Samambaia, Distrito Federal	49
Figura 7 — Estrutural, Distrito Federal	49
Figura 8 — Itapoã, Distrito Federal	50
Figura 9 — Blocos temáticos do questionário	54
Figura 10 — Dimensões afetivas investigadas	56
Figura 11 — Variáveis sociodemográficas do estudo	56
Figura 12 — Participantes por faixa etária em gráfico de barra	57
Figura 13 — Participantes por gênero em gráfico de pizza	58
Figura 14 — Participantes por nível socioeconômico em gráfico de pizza	58
Figura 15 — Setor Comercial Sul de Brasília	62
Figura 16 — Pedestres na Rodoviária do Plano Piloto, no DF	63
Figura 17 — Ceilândia, região administrativa do Distrito Federal	63
Figura 18 — Centralidades simbólicas em Brasília	66
Figura 19 — Ambivalências afetivas	68
Figura 20 — Qualidades urbanas: centro e periferia	70
Figura 21 — Associações simbólicas de lugares urbanos	72
Figura 22 — Fantasmagorias de Brasília	74
Figura 23 — 'O Flautista', de Bruno Giorgi	77
Figura 24 — Vidro trincado no Salão Nobre do Palácio do Planalto	78
Figura 25 — A invasão de Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023	80
Figura 26 — Atos golpistas do dia 8 de janeiro de 2023, na Praça dos Três Poderes, em Brasília	80

Introdução

A experiência urbana contemporânea é atravessada por camadas simbólicas que excedem a materialidade do espaço construído. As cidades são vividas, narradas e interpretadas por seus habitantes a partir de afetos, memórias, medos e expectativas que conformam modos particulares de percepção do território. Nesse contexto, os imaginários urbanos constituem um campo privilegiado para compreender como a cidade é simbolicamente produzida e apropriada no cotidiano.

No campo teórico dos Imaginários Urbanos, Armando Silva propõe os conceitos de *fantasmagoria* e *assombro social* como chaves interpretativas para acessar essas dimensões simbólicas do urbano. A *fantasmagoria* refere-se às imagens coletivas que emergem da experiência urbana como projeções de desejos, medos e memórias, tornando visível aquilo que não se apresenta de forma explícita no planejamento oficial da cidade. O *assombro social*, por sua vez, diz respeito a experiências coletivas de ruptura simbólica, nas quais acontecimentos ou imagens desestabilizam o imaginário dominante e produzem deslocamentos na percepção da cidade.

No Distrito Federal e suas regiões periféricas, observo como os Imaginários Urbanos são atravessados por percepções cidadãs que muitas vezes estão escondidas em seus imaginários. É nesse contexto que a noção de *fantasmagoria*, conforme explorada por Armando Silva, se revela ferramenta sensível e potente. A cidade contemporânea, sobretudo em tempos de crise sanitária, política e simbólica, transforma-se em vitrine e palco para imagens-fantasma, signos espectrais que denunciam um colapso do visível e um deslocamento do real (BENJAMIN, 2006, p. 170). As *fantasmagorias*, assim, não são ilusões óticas, mas manifestações do imaginário social tensionado entre a presença e o desaparecimento (SILVA, 2001, p. 52).

Caminhar pela cidade, atravessado por interrupções, retrações e rotas digitais, torna-se também uma escuta sensível. Compreender o urbano por

meio de suas fantasmagorias é abrir-se para outras formas de ler o espaço, formas que fogem ao discurso hegemônico e que se aproximam das camadas invisíveis de experiências, medos e ausências. Se, como dizem, o medo também é uma forma de conhecer, este trabalho propõe-se a investigar os assombros instalados no cotidiano e que, muitas vezes, são ignorados por uma lógica positivista da informação.

Partindo dessas formulações, esta pesquisa investiga os imaginários urbanos de Brasília a partir dos dados do projeto Brasília Imaginada, iniciativa vinculada à metodologia dos Imaginários Urbanos desenvolvida por Armando Silva. O projeto reúne percepções cidadãs sobre a cidade por meio de questionários e registros simbólicos, permitindo identificar padrões afetivos, imagens recorrentes e tensões simbólicas associadas ao espaço urbano do Distrito Federal.

O problema que orienta esta dissertação é compreender de que forma as fantasmagorias e os assombros sociais presentes nos imaginários urbanos de Brasília revelam tensões entre a cidade planejada e a cidade vivida, e como essas percepções podem contribuir para reflexões sobre políticas públicas urbanas mais sensíveis às experiências cidadãs.

A pergunta central da pesquisa é: como os conceitos de fantasmagoria e assombro social, aplicados à análise dos dados do projeto Brasília Imaginada, permitem interpretar as percepções simbólicas dos cidadãos sobre Brasília e suas implicações para o planejamento urbano e as políticas públicas?

Objetivo geral

O objetivo geral da pesquisa é analisar como as fantasmagorias e os assombros sociais identificados nos imaginários urbanos de Brasília, a partir dos dados do projeto Brasília Imaginada, expressam tensões simbólicas entre

a cidade planejada e a cidade vivida, e de que modo essas percepções podem informar reflexões sobre políticas públicas urbanas mais sensíveis.

Objetivos específicos

Como objetivos específicos, foram estabelecidos:

- identificar as principais fantasmagorias presentes nos imaginários urbanos de Brasília a partir dos dados do projeto Brasília Imaginada;
- analisar como essas fantasmagorias se distribuem simbolicamente entre diferentes regiões e experiências urbanas;
- compreender o papel do assombro social como elemento de ruptura e reconfiguração do imaginário urbano da capital;
- discutir as contribuições da escuta dos imaginários urbanos para a formulação de políticas públicas urbanas mais atentas às dimensões simbólicas e afetivas da cidade.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada na análise de dados secundários do projeto Brasília Imaginada. O *corpus* é composto por respostas a questionários e registros simbólicos organizados segundo a metodologia dos Imaginários Urbanos, que articula as dimensões da cidade, do cidadão e dos outros. A análise segue critérios definidos por Armando Silva, incluindo a identificação de emblemas urbanos, categorias simbólicas e recorrências estatísticas, permitindo a interpretação das percepções cidadãs à luz dos conceitos de fantasmagoria e assombro social.

A dissertação está estruturada em seis capítulos. Após esta introdução, o primeiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. O segundo capítulo discute o conceito de fantasmagoria no âmbito dos Imaginários Urbanos, enquanto o terceiro capítulo aborda o conceito de assombro social e suas implicações para a leitura do espaço urbano. O quarto capítulo contextualiza as fantasmagorias do Distrito Federal, articulando a formação histórica e simbólica de Brasília às tensões urbanas

contemporâneas. O quinto capítulo concentra a análise dos dados do projeto Brasília Imaginada. O sexto capítulo discute a ruptura do imaginário urbano a partir de eventos de assombro social. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados da pesquisa, suas contribuições e limitações.

1. Pelas tramas do Imaginário: procedimentos de pesquisa

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados nesta dissertação, explicitando o *corpus* empírico, os recortes realizados, os critérios de seleção e análise dos dados, bem como as categorias analíticas que orientam a interpretação das fantasmagorias urbanas e do assombro social em Brasília. Seu objetivo central é demonstrar o rigor metodológico da pesquisa, evidenciando tanto a apropriação da Metodologia dos Imaginários Urbanos proposta por Armando Silva quanto as decisões analíticas específicas adotadas pelo pesquisador.

A presente pesquisa fundamenta-se na Teoria dos Imaginários Urbanos, desenvolvida por Armando Silva, que compreende a cidade como uma construção simbólica, afetiva e cultural, resultante das vivências, percepções e narrativas compartilhadas pelos cidadãos. Para Silva, os imaginários urbanos não se reduzem a representações individuais, mas constituem um campo coletivo de significação, produzido a partir das práticas sociais e das interações cotidianas com o espaço urbano (SILVA, 2001).

A metodologia dos “Imaginários Urbanos”, projeto realizado em 31 cidades ao redor do mundo, serve como base para a análise proposta por Silva. Essa abordagem permite compreender a construção simbólica dos territórios através das narrativas literárias e discursos afetivos que constituem a formação dos espaços urbanos. Ao aplicar a metodologia dos Imaginários Urbanos, é possível obter uma visão mais ampla e aprofundada da relação entre as pessoas e as cidades. Isso pode contribuir para uma melhor

compreensão das problemáticas urbanas, da cultura e da cidadania, uma vez que os imaginários refletem as aspirações e vivências dos habitantes.

Silva argumenta que o Imaginário faz parte de uma instância de percepção superior, portanto se faz importante utilizar do método proposto por ele no desenvolvimento deste trabalho:

“Segundo o que foi dito, podemos compreender que o corte imaginário que proponho no estudo da cidade nos conduz a um enfrentamento diferente da dinâmica perceptiva. Estamos diante de eventos apenas textualizados que são, melhor dizendo, patrimônio de estruturas explícitas de intercomunicação [...] A percepção imaginária corresponde a um nível superior de percepção. Isso significa que nesse ponto já ultrapassamos duas instâncias anteriores” (2001, p. 48).

Armando Silva (2001) fundamenta sua teoria dos Imaginários Urbanos em um diálogo interdisciplinar que abrange arte, estética, semiótica e psicanálise, analisando como as cidades são vivenciadas, representadas e interpretadas pelos indivíduos e pela coletividade. Nesse contexto, o espaço urbano não é apenas um conjunto físico de edificações e infraestruturas, mas também um universo simbólico que reflete as percepções, afetos e construções culturais de seus habitantes, inserindo-se no campo da cultura urbana e da memória social. Ele argumenta que as cidades subjetivas emergem da interação psicológica e social dos indivíduos, tornando-se espaços impregnados de significados afetivos e simbólicos.

A fantasmagoria, neste contexto, refere-se às representações subjetivas, simbólicas e muitas vezes ilusórias que os cidadãos constroem sobre o espaço urbano. (SILVA, 2001, p. 53) Essas representações não são somente frutos de uma percepção individual, mas resultam de processos coletivos de construção de significados, influenciados pela história, cultura e estrutura social da cidade. A fantasmagoria, portanto, é uma maneira de captar a essência simbólica e afetiva de uma cidade, indo além de sua materialidade

física para explorar os aspectos intangíveis que moldam as experiências urbanas.

A noção de fantasma levada ao urbano possui inúmeras demonstrações na vida social. Na vida psíquica da sociedade, e em seu exercício da vida diária, acontecem fenômenos inexplicáveis, estranhos ou de extrema subjetividade que, no entanto, geram entre os cidadãos atitudes que somente se pode compreender, em alguma medida, se estudadas segundo os critérios que estamos expondo. O fantasma urbano significa, em nossos estudos, a incidência do imaginário sobre as representações sociais. (SILVA, 2014, p. 51). Nesse sentido, a utilização das fantasmagorias como uma ferramenta para a participação cidadã pode ajudar a evitar a implementação de políticas públicas descontextualizadas ou insensíveis às realidades locais. Ao contrário, promove-se a criação de políticas que refletem a diversidade de experiências e perspectivas que constituem o tecido social da cidade. Em Brasília, onde a divisão centro-periferia é acentuada, a incorporação das fantasmagorias no processo de elaboração de políticas pode ajudar a mitigar desigualdades e a promover um desenvolvimento urbano mais justo e equilibrado.

Segundo o autor, trata-se de uma metodologia de natureza qualitativa e comparativa, que articula contribuições da antropologia, da psicanálise, da estética, da comunicação e da história, permitindo acessar níveis superiores de percepção urbana. Como afirma Silva:

“A percepção imaginária corresponde a um nível superior de percepção. Isso significa que nesse ponto já ultrapassamos duas instâncias anteriores” (SILVA, 2001, p. 48).

Nesse sentido, o Imaginário Urbano constitui-se como um campo privilegiado para a investigação das dimensões simbólicas da cidade, operando por meio de arquivos amplos e heterogêneos, que incluem narrativas, imagens, práticas culturais, afetos e marcas simbólicas.

No interior da Teoria dos Imaginários Urbanos, o conceito de *fantasmagoria* designa a incidência do imaginário sobre as representações sociais, manifestando-se como imagens, narrativas e afetos que persistem mesmo na ausência de sua materialidade original. Para Silva, o fantasma urbano não se refere ao sobrenatural, mas às projeções simbólicas que estruturam comportamentos, percepções e atitudes coletivas (SILVA, 2014).

As fantasmagorias urbanas emergem de fenômenos subjetivos e coletivos, frequentemente marcados por contradições, silêncios e ausências, tornando-se fundamentais para a compreensão das tensões simbólicas que atravessam o espaço urbano. Em determinados contextos, essas fantasmagorias podem intensificar-se a ponto de produzir o que Silva denomina *assombro social*: situações ou imagens que provocam rupturas simbólicas coletivas, reconfigurando o imaginário dominante da cidade.

No contexto de Brasília, essas metodologias podem ser aplicadas para identificar as principais fantasmagorias que moldam as percepções dos cidadãos sobre a cidade. A partir dessas identificações, o planejamento urbano pode ser ajustado para atender às necessidades identificadas, criando espaços públicos mais inclusivos, mobilidade urbana mais acessível e serviços públicos mais equitativos. Além disso, o reconhecimento das fantasmagorias pode ajudar a preservar a memória coletiva e o patrimônio cultural de Brasília, garantindo que o desenvolvimento urbano respeite e valorize as identidades locais.

Essa perspectiva encontra ressonância nas reflexões de Lucrécia D'Alessio Ferrara em *Design em Espaços* (2002), ao discutir o espaço como uma entidade que ultrapassa o domínio visual e arquitetônico e assume um papel central como um campo cultural e cognitivo. Segundo Ferrara, o espaço é investigado por diversas áreas do conhecimento, como a arquitetura, a demografia, a sociologia e a política, cada qual atribuindo um enfoque particular sobre sua materialidade e função (FERRARA, 2002, p. 95). No entanto, o *design* do espaço transcende a mera construção física, sendo uma “intervenção cultural” que exige operações cognitivas mais profundas e que se

articula com as relações culturais e simbólicas presentes na sociedade (FERRARA, 2002, p. 114).

Essa “intervenção cultural” é central para o conceito de fantasmagoria, uma vez que o espaço urbano, em sua dimensão simbólica, se torna um lugar de projeção das memórias, ansiedades e sonhos dos habitantes. As fantasmagorias urbanas, portanto, são expressões dessas intervenções culturais, que moldam e são moldadas pela experiência urbana. Ferrara sugere que o espaço ultrapassa o passivo signo visual e se transforma em visibilidade, uma cognição disponível ao sentido (FERRARA, 2002, p. 114). Nesse sentido, o espaço urbano se apresenta como um campo que exige “perspicácia”, pois nele se entrelaçam as complexidades de significado, percepção e memória.

Além disso, Ferrara destaca que o significado de um símbolo ou palavra é condicionado pelo uso que os indivíduos fazem dele, com base nas suas intenções comunicativas e nas predições que esse uso envolve (FERRARA, 2002, p. 97). Esse conceito dialoga diretamente com a fantasmagoria, pois as imagens e narrativas urbanas construídas pelos cidadãos também estão imbuídas dessas intenções e significados condicionados pelas suas experiências no espaço urbano. Assim como as palavras, as fantasmagorias urbanas carregam consigo uma responsabilidade de predição e projeção, informando como os habitantes se relacionam com o passado, o presente e o futuro de suas cidades.

O *corpus* empírico desta dissertação é constituído pelos dados do projeto Brasília Imaginada, desenvolvido no âmbito da Universidade de Brasília, que integrou o projeto internacional Cidades Imaginadas, coordenado por Armando Silva. O material analisado é composto por respostas a um questionário padronizado aplicado a cidadãos do Distrito Federal.

O questionário segue a estrutura metodológica tripartida proposta por Silva, cidade, cidadão e os outros, em diálogo com a semiótica de Peirce (primeiridade, secundidade e terceiridade) e com os registros psíquicos da psicanálise Lacaniana (real, imaginário e simbólico).

Nesta pesquisa, o recorte analítico concentra-se especificamente:

- nas questões relacionadas à percepção da cidade, aos afetos urbanos e às imagens simbólicas recorrentes;
- nas respostas que permitem identificar tensões entre cidade planejada e cidade vivida;
- nas diferenças de percepção entre o Plano Piloto e outras regiões administrativas do Distrito Federal.

Embora o Capítulo 5 apresente detalhamento contextual dos respondentes, este capítulo estabelece metodologicamente que a análise prioriza dados qualitativos e simbólicos, não a representatividade estatística ampla.

A análise dos dados segue os critérios definidos por Silva (2006) para identificação de relevâncias simbólicas, especialmente no reconhecimento dos chamados emblemas urbanos. São considerados:

- emblemas: recorrência superior a 50%;
- dados muito significativos: entre 30% e 50%;
- dados significativos: entre 10% e 30%;
- dados residuais: abaixo de 10%.

A partir dessa base metodológica, realizaram-se as seguintes etapas analíticas:

1. Seleção das perguntas do questionário pertinentes ao imaginário urbano, aos afetos e às representações simbólicas;
2. Organização dos dados segundo categorias propostas no manual e na planilha do projeto (croquis, qualidades urbanas, cenários, temporalidades, marcas cidadãs, rotinas e outredades);
3. Agrupamento interpretativo dos dados, buscando recorrências simbólicas e tensões narrativas;
4. Consolidação das categorias analíticas finais, utilizadas como instrumento central de análise.

As categorias analíticas constituem o principal instrumento de transformação dos dados empíricos em análise interpretativa. Elas orientam a leitura dos resultados nos capítulos seguintes e estruturam a identificação das fantasmagorias e do assombro social.

Quadro 1 – Categorias analíticas da pesquisa

Categoria	Definição	Base teórica	Tipo de dado	Capítulos
Discrepância entre cidade planejada e cidade vivida	Tensão simbólica entre a imagem oficial de Brasília e a experiência cotidiana	Silva; Lefebvre	Questionário	4 e 5
Afetos urbanos negativos recorrentes	Medo, solidão, abandono, tristeza associados ao espaço urbano	Silva	Questionário	5
Centralidade simbólica e exclusão territorial	Desigualdade de pertencimento entre Plano Piloto e demais RAs	Silva; Lefebvre; Santos	Questionário	4 e 5
Marcas simbólicas e imagens emblemáticas	Lugares e elementos urbanos de alta pregnância simbólica	Silva	Questionário	5
Ruptura simbólica e assombro social	Eventos ou imagens que reconfiguram o imaginário coletivo	Silva	Evento/Imagem	6

Para fins analíticos, considera-se como fantasmagoria urbana todo dado que:

- revele a persistência simbólica de imagens, afetos ou narrativas associadas à ausência, à exclusão ou à idealização;
- apresente recorrência significativa nos dados empíricos;
- articule-se a tensões entre materialidade urbana e experiência vivida;
- produza efeitos simbólicos sobre a percepção coletiva da cidade.

As fantasmagorias identificadas orientam a análise empírica (Capítulo 5), a leitura do assombro social (Capítulo 6) e a síntese dos resultados.

Em Brasília, cidade planejada e marcada por uma forte carga simbólica, as fantasmagorias desempenham um papel fundamental na formação das percepções dos cidadãos sobre seu ambiente. Elas emergem das interações cotidianas com o espaço urbano, sendo, ao mesmo tempo, reflexo e motor das dinâmicas sociais, culturais e políticas da cidade. Compreender essas fantasmagorias é crucial para acessar as camadas mais profundas da experiência urbana e, conseqüentemente, para elaborar políticas públicas que sejam verdadeiramente sensíveis às necessidades e expectativas da população.

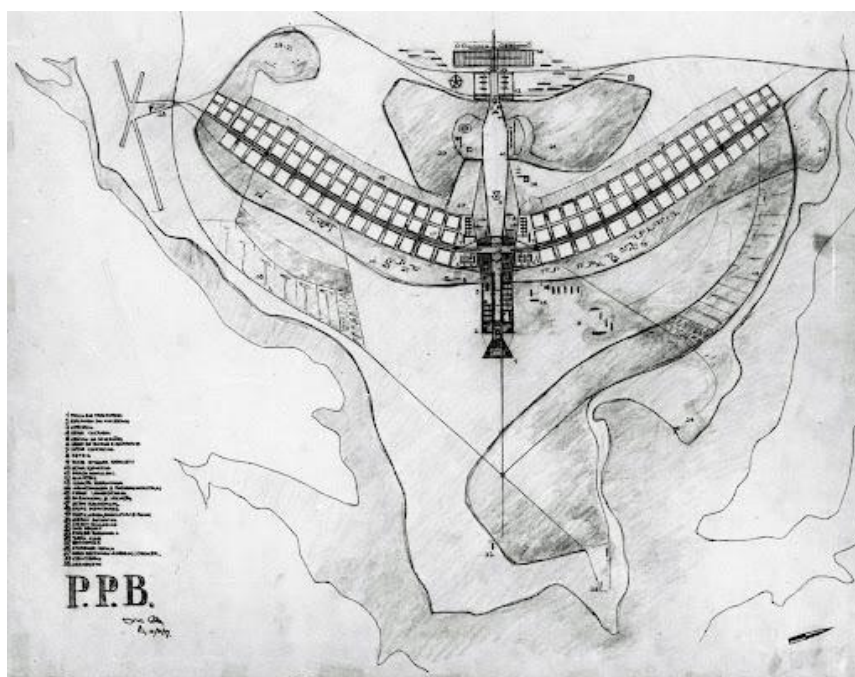
Por exemplo, uma fantasmagoria que representa Brasília como uma cidade de contrastes, entre modernidade e tradição, centro e periferia, pode indicar a necessidade de políticas que abranjam tanto a preservação do patrimônio cultural quanto a promoção da inovação social e tecnológica. Da mesma forma, fantasmagorias que revelam sentimentos de alienação ou exclusão em determinadas regiões podem sinalizar a urgência de intervenções políticas que visem a inclusão social e a equidade espacial.

A dimensão poética das fantasmagorias pode enriquecer a formulação de políticas públicas, pois captura as contradições urbanas e a complexidade do espaço da cidade. Conforme Maturana, a cognição envolve a "imaginação e criação de novos sentidos e significados" (MATURANA, 2001, p. 78). Assim,

incorporar fantasmagorias permite explorar a criatividade cidadã, resultando em políticas mais inovadoras, inclusivas e eficazes para os desafios urbanos.

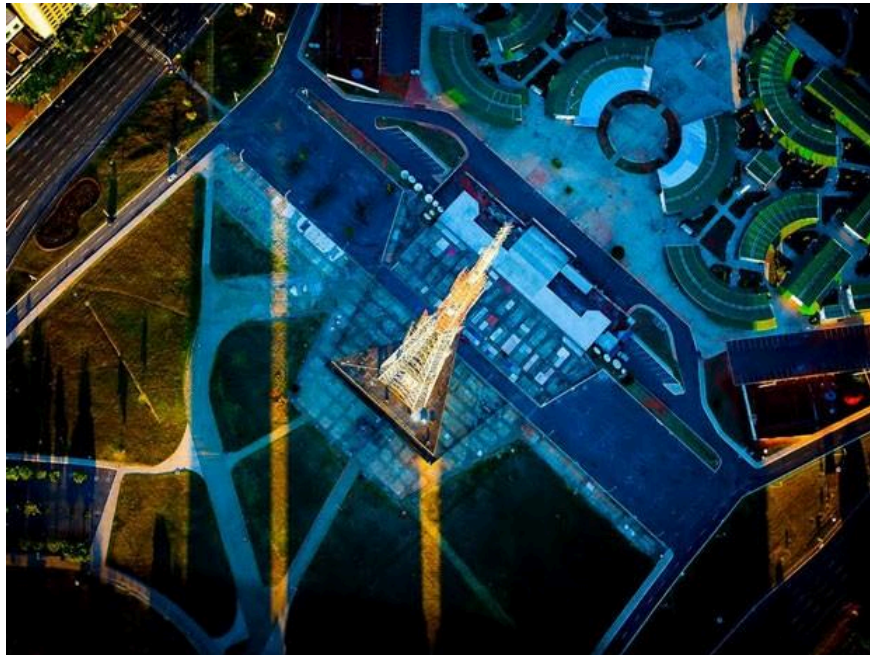
Para transformar o potencial poético das fantasmagorias em ações concretas, é necessário integrá-las ao planejamento urbano de maneira sistemática. Isso pode ser feito por meio de metodologias participativas que envolvam diretamente os cidadãos na construção de suas representações urbanas e na tradução dessas representações em políticas públicas. Ferramentas como oficinas de mapeamento afetivo, consultas públicas e plataformas digitais colaborativas podem ser utilizadas para coletar, analisar e incorporar as fantasmagorias no planejamento urbano.

Figura 1 — Projeto do Plano Piloto elaborado por Lucio Costa



Fonte: Arquivo público do Distrito Federal

Figura 2 — Vista superior da Torre de TV, na área central de Brasília



Fonte: Bento Viana/g1

Figura 3 — Imagem aérea da Asa Norte, em Brasília



Fonte: TV Globo/g1

Desse modo, ao relacionar os conceitos de fantasmagoria e o *design* do espaço, torna-se evidente que ambos se concentram na complexidade das interações simbólicas que moldam a experiência urbana. Ferrara argumenta

que o *design* do espaço, ao contrário da abstração modernista que busca coerência visual, deve explorar outras relações culturais, transformando a visualidade em uma visibilidade cultural e cognitiva (FERRARA, 2002, p. 114). As fantasmagorias urbanas, ao capturar as dimensões subjetivas e simbólicas da cidade, desempenham um papel central nesse processo, permitindo que o espaço seja compreendido não apenas como um cenário físico, mas como uma entidade viva, repleta de significados, memórias e relações culturais.

Em um diálogo com o pensamento de Humberto Maturana, é possível compreender as fantasmagorias também como parte de um processo de construção de significados e de ações em um sistema social. Maturana, em suas reflexões sobre a cognição e o papel das interações humanas na constituição da realidade, sugere que a percepção da realidade é construída por meio das interações comunicativas e sensoriais entre os indivíduos e o ambiente. Segundo ele, “a realidade que vemos é, em última instância, uma construção nossa, resultado das interações que ocorrem em nosso viver cotidiano” (MATURANA, 2001, p. 25). Nesse sentido, as fantasmagorias podem ser vistas como produtos de uma construção coletiva de realidade, moldada pelas experiências compartilhadas dos cidadãos no espaço urbano.

Ao trazer essa perspectiva para o campo das políticas públicas, é possível sugerir que as fantasmagorias urbanas desempenham um papel crucial na formulação de políticas que realmente respondam às necessidades e expectativas dos cidadãos. As políticas públicas, ao considerarem as fantasmagorias, podem ser desenvolvidas de forma mais inclusiva e sensível às realidades subjetivas vividas pelas populações. Isso porque as fantasmagorias revelam aspectos que vão além das questões puramente materiais ou físicas, oferecendo uma visão mais rica e detalhada da complexidade das experiências urbanas.

As fantasmagorias funcionam, portanto, como uma ponte entre o imaginário coletivo e a realidade urbana, permitindo que as políticas públicas sejam co-criadas com base nessas representações simbólicas. De acordo com Maturana, “o processo de criação de sentido depende do consenso social e das narrativas compartilhadas que permitem aos indivíduos agir em

consonância com uma realidade comum” (MATURANA, 2001, p. 42). No contexto urbano, as fantasmagorias representam essas narrativas compartilhadas, que informam e orientam a criação de políticas públicas mais democráticas e participativas.

Além disso, a noção de “teia social”, que conecta sujeitos e suas experiências no território, encontra respaldo na abordagem de Santos sobre a técnica e o meio geográfico. Ele argumenta que “o espaço é um conjunto de fixos e fluxos” (SANTOS, 1996, p. 95), indicando que a circulação de pessoas, ideias e práticas contribui para a constante ressignificação dos espaços urbanos. Essa perspectiva permite analisar como as fantasmagorias, compreendidas como projeções estéticas e afetivas sobre a cidade, são formadas e transformadas ao longo do tempo, refletindo tanto os desejos quanto os conflitos de seus habitantes. Assim, o pensamento de Milton Santos possibilita uma leitura crítica das dinâmicas urbanas, contribuindo para o entendimento das relações entre espaço, imaginário coletivo e práticas sociais.

Nesse sentido, os “Imaginários Urbanos” são compreendidos como formas simbólicas e psíquicas pelas quais a coletividade projeta seus modos de habitar e interpretar o espaço, ancorando significados em objetos, lugares e práticas cotidianas (SILVA, 2006).

2. Fundamentos teóricos: fantasmas, ausências e lacunas

[...] foi inútil a minha viagem para visitar a cidade: obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, Zora definhou, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo.¹

Este capítulo apresenta os fundamentos teóricos centrais da pesquisa, tendo como eixo o conceito de fantasmagoria, conforme formulado por Armando Silva (2001), para oferecer uma base analítica e operacional para a leitura empírica dos dados do projeto Brasília Imaginada. A fantasmagoria é aqui compreendida como uma expressão simbólica do imaginário urbano, na qual desejos, medos, memórias e ausências coletivas se projetam no espaço da cidade por meio de signos visuais, narrativos e afetivos.

Parte-se do entendimento de que a cidade não é apenas um objeto físico ou um sistema funcional, mas um território simbólico, atravessado por camadas de percepção, memória e imaginação. Nesse sentido, as fantasmagorias revelam tensões entre a cidade planejada e a cidade vivida, manifestando-se em imagens recorrentes como ruínas, silêncios, práticas artísticas informais, vazios urbanos e narrativas de medo ou pertencimento. Ao tornarem visíveis essas camadas, tais manifestações permitem uma leitura mais complexa da experiência urbana, incorporando dimensões frequentemente ausentes dos instrumentos tradicionais de planejamento e gestão.

O termo ‘fantasma’ vem do grego *phantasma*, ‘aparição’, derivado de *phainō*, que significa ‘fazer aparecer, tornar visível’ (FERREIRA, 2004, p. 899). Estudar essas fantasmagorias permite compreender os desejos e medos latentes de uma população, revelando conflitos, apagamentos e tensões que muitas vezes não se manifestam por vias institucionais ou estatísticas. Desse modo, a análise desses fenômenos contribui para a construção de uma leitura

¹ CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 20)

mais ampla e complexa da cidade, que incorpora tanto aspectos objetivos quanto subjetivos da vida urbana. Para Silva (2001), o espaço urbano é também um espaço narrativo, onde as imagens circulam como dispositivos de mediação entre os sujeitos e o território que habitam.

Em Armando Silva, as fantasmagorias são formas simbólicas e afetivas que emergem no espaço da cidade por meio do imaginário. “São formas do imaginário coletivo que se projetam na cidade como imagens visuais condensadas de desejos, medos e ilusões. Elas constroem atmosferas e sensibilidades partilhadas, dando corpo simbólico a experiências cotidianas urbanas.” (SILVA, 2001, p. 42) Projetadas, segundo Silva, em formas como arte urbana, ruínas, cartazes, pichações e outros signos do cotidiano. Essas imagens-fantasma habitam os muros, as paradas de ônibus, os silêncios e os intervalos da cidade. Sendo tão reais quanto os edifícios e monumentos, pois configuram atmosferas e sentidos de pertencimento (ou de exclusão), mas que carregam este nome e este simbolismo porque se fazem presentes em memórias. Essas manifestações visuais revelam modos sensíveis de vivenciar e interpretar o espaço urbano. Elas não são apenas decorativas ou acidentais, mas configuram atmosferas que dão corpo simbólico às experiências cotidianas dos cidadãos.

A escuta e a interpretação dessas imagens-fantasma se mostram fundamentais para a formulação de políticas públicas mais sensíveis às realidades locais. Ao considerar os modos como os cidadãos se expressam simbolicamente no espaço público, é possível identificar demandas sociais, processos de exclusão e formas de resistência que escapam aos métodos tradicionais de análise urbana. Como destaca Silva, “a cidade se converte em uma galeria de signos, onde o cotidiano se expressa em sua materialidade e em sua simbologia” (SILVA, 2001, p. 36). Assim, políticas públicas que integram essas dimensões simbólicas tendem a ser mais inclusivas, plurais e conectadas às vivências reais da população.

No campo do *design*, especialmente no *design* social, urbano e estratégico, essa abordagem não-positivista se mostra relevante. A

consideração das subjetividades, afetos e representações simbólicas permite ampliar a noção de projeto, deslocando-o da resolução técnica de problemas para a construção de mediações culturais e políticas. Isso se alinha à perspectiva do *design* como prática situada, que reconhece os contextos socioculturais e simbólicos como parte integrante do processo projectual (MANZINI, 2015).

Ao investigar as fantasmagorias urbanas, a pesquisa abre caminho para um método transdisciplinar, que articula arte, cultura, comunicação e política. Essa perspectiva é particularmente importante em contextos urbanos marcados por ausências, sejam elas físicas, sociais ou simbólicas, pois permite visibilizar o que foi apagado ou silenciado. Como aponta Silva (2001, p. 39), “os vazios da cidade também comunicam, também são formas de presença e resistência”. Esta reflexão de Armando Silva nos convida a perceber que o não-dito, o ausente ou o silenciado no espaço urbano também carrega significados densos, especialmente quando compreendidos à luz dos Imaginários Urbanos e das fantasmagorias. Esses vazios, sejam eles espaços físicos desocupados, edificações em ruínas ou lacunas simbólicas na paisagem urbana, tornam-se território fértil para a projeção de memórias, afetos e inquietações sociais. Neles, habita o “fantasma”, não como entidade sobrenatural, mas como expressão do que insiste em retornar, traços da história não resolvida, das subjetividades silenciadas, das promessas frustradas da cidade moderna.

Italo Calvino, em *As cidades invisíveis* (1990), por meio de sua escrita poética e fragmentada, retrata essas cidades que existem mais na imaginação do que na materialidade, desvelando um urbanismo sensível e subjetivo. Cidades como Zaira, Zora ou Eutrópia não são apenas espacialidades físicas, mas lugares marcados por recordações, ritmos, ausências e presenças. Em especial, ao falar de Maurília, Calvino mostra que a cidade antiga persiste como um fantasma sob a nova cidade, e que o passado, mesmo apagado, permanece como espectro na forma de nomes e imagens (CALVINO, 1990, p.

30). Essa evocação é semelhante à ideia de fantasmagoria: uma sobreposição entre o visível e o ausente, entre o vivido e o imaginado.

Os “vazios comunicantes” de Silva ecoam nas paisagens narradas por Calvino, reforçando a noção de que a percepção cidadã vai além do concreto: ela se nutre da memória, da fantasia e daquilo que não está mais presente, mas ainda reverbera. As fantasmagorias urbanas surgem, então, como construções coletivas e simbólicas que ocupam os interstícios da cidade planejada, denunciando as tensões entre o projeto oficial e os desejos dos sujeitos que a habitam. Assim, compreender esses vazios como resistência é também reconhecer que o espaço urbano é disputado não apenas por estruturas materiais, mas por signos, memórias e sentidos partilhados, que constituem uma verdadeira teia social de afetações. Compreender esses vazios e suas imagens associadas é, portanto, um passo fundamental para o desenvolvimento de práticas de pesquisa e de intervenção mais comprometidas com a diversidade de vozes que habitam o urbano.

A fantasmagoria, segundo Silva, refere-se às imagens e representações que emergem da memória coletiva, da experiência subjetiva e das projeções culturais dos sujeitos sobre a cidade. Esses fantasmas urbanos são, para Silva, “da ordem imaginária, mas atuam como se fossem reais”, interferindo nas condutas e reações dos cidadãos diante do espaço que habitam. Como ele afirma: “sempre que um fantasma ronda a cidade, há uma ordem fantasiosa que marca um comportamento ou uma reação cidadã. Esses fantasmas se revezam, se transformam e vivem o processo de urbanização” (SILVA, 2001, p. 49).

O conceito está ligado à ideia de que o urbano não é apenas o que se vê, mas também o que se sente, o que se projeta e o que se lembra. É nesse ponto que a fantasmagoria se torna uma categoria fundamental para analisar os vazios urbanos, aqueles espaços esquecidos, abandonados ou não significados no planejamento oficial da cidade.

A articulação entre fantasmagoria e memória é decisiva. As imagens-fantasma operam como mecanismos de rememoração coletiva,

conectando passado e presente, individual e social. Como afirma Pierre Nora (1993), a memória é uma forma viva de relação com o tempo, e não um simples arquivo de fatos. Nesse sentido, os fantasmas urbanos não apenas lembram o que foi, mas reinscrevem afetos e conflitos no espaço da cidade. Em espaços marcados por apagamentos históricos, como as periferias urbanas, as áreas de memória negra ou os territórios LGBTQIAP+, as fantasmagorias funcionam como formas de resistência simbólica, reativando passados subalternizados por meio de grafites, performances, lambe-lambes e outras manifestações visuais e discursivas (ROLNIK, 2018).

Silva dialoga com a tradição psicanalítica ao compreender o fantasma como expressão de desejos e recalques coletivos. Aproximando-se de Freud e Lacan, o autor sugere que a cidade, assim como o sujeito, é atravessada por conteúdos excluídos da narrativa dominante, mas que retornam sob a forma de sintomas urbanos: práticas culturais emergentes, discursos invisibilizados, imagens recorrentes de medo ou abandono (SILVA, 2001). Nesse contexto, a fantasmagoria atua tanto como representação cultural quanto como operador simbólico que organiza modos de ver e agir sobre o território.

Essas imagens fantasmagóricas também dialogam com a ideia de percepção estética elevada, que Silva denomina de percepção “terciária”, uma forma mais elaborada de leitura do urbano, que supera a simples observação sensorial e atinge os níveis simbólicos e afetivos da experiência urbana (SILVA, 2001, p. 57). Para ele, as fantasmagorias exigem uma operação cognitiva sofisticada, pois dizem respeito àquilo que a cidade “faz sentir”, mais do que aquilo que se vê.

Portanto, a fantasmagoria, no pensamento de Armando Silva, não é apenas um conceito teórico, mas uma chave interpretativa e metodológica que permite acessar dimensões profundas da experiência urbana. Ela dá corpo ao que foi silenciado, ao que é marginal, ao que persiste nos interstícios da cidade visível. E, sobretudo, oferece caminhos para pensar políticas públicas mais sensíveis às camadas simbólicas do espaço urbano, valorizando a participação cidadã como motor de transformação.

A compreensão das fantasmagorias urbanas, nesse sentido, não apenas amplia o escopo epistemológico das ciências sociais e do *design*, como também oferece subsídios metodológicos para intervenções urbanas mais sensíveis às realidades subjetivas dos cidadãos. A cidade é, como afirma Lefebvre (2001), um espaço socialmente produzido, composto por camadas de apropriação, significação e disputa. As fantasmagorias, enquanto aparições do ausente e insistência simbólica do que foi silenciado, tornam-se expressão dessa produção contraditória do urbano. Elas emergem como sintomas de uma memória coletiva em conflito, convocando a atenção para aquilo que a racionalidade técnico-burocrática frequentemente tenta apagar: o imponderável, o marginal, o inacabado.

Além disso, é possível compreender essas expressões como elementos estruturantes do que Jacques Lacan chama de campo do imaginário, no qual se formam as identificações e as imagens do Eu e do Outro. No espaço urbano, essas imagens projetadas, que carregam o desejo, o trauma e o recalcado, atuam como mediações entre o sujeito e a cidade. Assim, a fantasmagoria adquire uma dupla função: enquanto representação cultural, ela simboliza um campo de afetos; enquanto operador psíquico, ela organiza modos de ver e de agir sobre o território. Segundo Lacan (1998), a construção do sujeito passa necessariamente pela relação com o Outro simbólico, que é também o campo das normas sociais, da linguagem e da alteridade. No caso urbano, a cidade torna-se esse Outro estruturante, e os fantasmas que nela habitam são imagens que devolvem ao sujeito a percepção de sua incompletude, sua ausência e seu desejo.

Esses elementos ganham especial importância quando pensamos o planejamento urbano e as políticas públicas a partir de uma perspectiva simbólica. Como defendem Borja e Muxí (2003), uma cidade verdadeiramente democrática deve ser construída não apenas com base em dados empíricos e indicadores técnicos, mas também a partir dos significados que os cidadãos atribuem ao espaço. Isso implica escutar os fantasmas da cidade, os ausentes que insistem em se fazer presentes, como parte do processo de formulação de políticas mais justas e inclusivas. Nesse horizonte, o urbanismo torna-se uma

prática interpretativa e sensível, capaz de ler os silêncios, os vazios e os traços espectrais que compõem o cotidiano urbano.

Adicionalmente, as fantasmagorias urbanas são formas privilegiadas de narrar o território. Os percursos cotidianos, os olhares desviados, as apropriações criativas do espaço são maneiras pelas quais os cidadãos produzem narrativas contra-hegemônicas sobre o urbano. As fantasmagorias, nesse contexto, funcionam como signos flutuantes que revelam essas narrativas subterrâneas, oferecendo mapas afetivos que não se encontram nos planos oficiais.

É nesse ponto que a fantasmagoria urbana se relaciona diretamente com o conceito de “cidade sensível” proposto por Tonino Griffero (2014), segundo o qual o espaço é sempre experimentado por meio da sensorialidade e da afetação. O autor destaca que os ambientes urbanos carregam atmosferas, conjuntos de sensações compartilhadas, que afetam os corpos e moldam as percepções. As fantasmagorias, nesse sentido, são também atmosferas condensadas em signos: condensações de angústias sociais, afetos reprimidos ou esperanças frustradas que pairam sobre a cidade como névoas simbólicas. São elas que tornam determinados espaços carregados de intensidade e sentido, mesmo quando aparentemente vazios ou abandonados.

Ao reconhecer essa dimensão atmosférica e simbólica do urbano, o planejamento pode se abrir à produção de cartografias mais complexas e intersubjetivas. Trata-se de adotar um olhar que vá além da funcionalidade dos espaços e abrace sua expressividade simbólica. Nesse campo, os dados quantitativos precisam ser complementados com escutas qualitativas, como propõe a metodologia dos Imaginários Urbanos. Ouvir o que a cidade sussurra, seus fantasmas, suas memórias, suas promessas frustradas, é uma forma de produzir não apenas conhecimento, mas também pertencimento e cidadania.

Diferentemente de uma noção meramente abstrata, a fantasmagoria é mobilizada neste trabalho como categoria analítica operatória, aplicada à leitura empírica dos dados do projeto *Brasília Imaginada*. A identificação das fantasmagorias ocorre a partir da análise de discursos, imagens e narrativas

produzidas pelos cidadãos, buscando evidenciar recorrências simbólicas, afetivas e perceptivas.

Assim, a fantasmagoria é compreendida como um indício, um sinal de tensão entre o projeto oficial da cidade e a experiência vivida, revelando camadas subjetivas do urbano que orientam comportamentos, medos e expectativas.

Neste trabalho, considerarei como indícios de fantasmagoria urbana, nos dados analisados, situações em que se observem:

1. Discrepância entre cidade oficial e cidade vivida, evidenciada por narrativas que contradizem ou tensionam o discurso institucional sobre o espaço urbano;
2. Recorrência de afetos negativos ou ambíguos (medo, insegurança, nostalgia, abandono) associados a espaços centrais ou simbolicamente relevantes da cidade;
3. Presença recorrente de ruínas, abandono ou degradação como símbolos narrativos ou visuais que condensam memórias e conflitos urbanos;
4. Silêncios e ausências significativas, isto é, temas, espaços ou sujeitos que não aparecem ou aparecem apenas como medo, vazio ou apagamento;
5. Imagens ou narrativas que atuam “como se fossem reais”, influenciando percepções e comportamentos, mesmo quando não correspondem a dados objetivos.

Esses marcadores orientam a análise empírica ao longo da pesquisa, permitindo identificar como as fantasmagorias urbanas operam como expressões do imaginário coletivo e como dispositivos de leitura crítica da cidade contemporânea.

3. O assombro social e a ruptura simbólica da cidade

No campo dos Imaginários Urbanos, Armando Silva propõe o conceito de assombro social como uma categoria interpretativa capaz de apreender momentos de ruptura simbólica coletiva que afetam a percepção, a experiência e a narrativa da cidade. Diferentemente do medo individual ou do espanto episódico, o assombro social refere-se a uma experiência compartilhada de estranhamento que emerge quando a ordem simbólica cotidiana é abruptamente interrompida, tornando visível aquilo que permanecia latente, reprimido ou naturalizado no tecido urbano (SILVA, 2011).

Segundo Silva, o assombro não se reduz a uma reação emocional, mas constitui uma forma de cognição coletiva, acionada quando os referenciais habituais de leitura da cidade entram em colapso. O autor sintetiza esse processo ao afirmar que “o assombro aparece quando há um deslocamento na ordem simbólica: aquilo que não deveria estar ali, está; o que não era visível, se torna evidente” (SILVA, 2011, p. 5). Trata-se, portanto, de um fenômeno que desestabiliza imagens consolidadas da cidade e obriga os cidadãos a reinterpretarem seus espaços, símbolos e pactos sociais.

Essa formulação é particularmente relevante para a compreensão dos ataques ocorridos em Brasília no dia 8 de janeiro de 2023. A invasão e a depredação simultânea do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal configuraram não apenas um atentado físico às instituições republicanas, mas uma ruptura simbólica de alta intensidade, capaz de reconfigurar o imaginário urbano da capital federal. O evento instaurou uma suspensão perceptiva coletiva, na qual a cidade, concebida como símbolo da racionalidade institucional e da democracia brasileira, passou a ser percebida como palco de colapso, violência e contestação radical da ordem simbólica vigente.

Ao ser vivenciado coletivamente, o assombro social mobiliza os cidadãos para a ação. Diferente do espanto individual e passageiro, o assombro social se sustenta na partilha de uma emoção coletiva que se traduz em discursos, práticas culturais e, eventualmente, demandas por transformação política. Ele é, portanto, um catalisador de participação cidadã e pode ser uma ferramenta eficaz para repensar políticas públicas a partir da escuta dos afetos urbanos.

Brasília, enquanto cidade planejada e ícone do projeto modernista nacional, foi concebida para materializar ideais de ordem, progresso e centralidade política (HOLSTON, 1989). Sua monumentalidade e sua organização espacial expressam uma narrativa utópica de racionalidade estatal e controle simbólico do território. O assombro social instaurado no 8 de janeiro emerge precisamente do choque entre essa cidade idealizada e a cidade vivida, quando os espaços mais emblemáticos do poder republicano foram ocupados por ações que negavam, performativamente, os próprios fundamentos da democracia.

Nesse sentido, o assombro social funciona como indicador de fraturas no pacto simbólico urbano, revelando tensões profundas entre diferentes projetos de cidade e de nação. Conforme destaca Silva (2011), o assombro “rasga os discursos hegemônicos” e expõe aquilo que eles procuram ocultar: conflitos, ressentimentos e exclusões que permanecem operando no plano do imaginário coletivo. No caso de Brasília, o assombro não surgiu de forma exógena, mas revelou a persistência de fantasmas autoritários inscritos na história política e simbólica do país.

A potência do assombro social manifesta-se também em sua dimensão imagética. As imagens amplamente difundidas da destruição de obras de arte, do vandalismo contra símbolos republicanos e da ocupação violenta da Praça dos Três Poderes operaram como marcas visuais duráveis, capazes de inscrever o evento na memória coletiva. Como observa Silva (2001), o imaginário urbano é constituído por imagens-fantasma que “atuam como se fossem reais”, mesmo quando sua materialidade já não está presente (p. 49).

Essas imagens não apenas documentam o evento, mas o transformam em experiência simbólica compartilhada.

O assombro social, nesse contexto, articula-se diretamente ao conceito de fantasmagoria urbana. Assim como em Walter Benjamin (2006), a fantasmagoria refere-se à estetização de processos históricos e políticos que, ao serem convertidos em espetáculo, ocultam e, simultaneamente, revelam estruturas profundas de dominação e desejo. No 8 de janeiro, a circulação massiva de imagens nas redes sociais, *selfies* em meio à destruição, transmissões ao vivo, registros performáticos do vandalismo, ampliou o alcance do assombro para além do espaço físico da cidade, produzindo uma memória traumática compartilhada em escala nacional e internacional.

Dessa forma, o espaço urbano de Brasília foi temporariamente convertido em um teatro simbólico de conflito, no qual se encenou a rejeição violenta às mediações institucionais do Estado democrático. Essa encenação não apenas desorganizou a vida política, mas instaurou uma crise perceptiva e afetiva na relação dos cidadãos com a cidade. O que estava latente no imaginário, como discursos autoritários, desinformação, ressentimento político, tornou-se visível e incontornável, caracterizando plenamente a dinâmica do assombro social descrita por Silva (2011).

A relevância do conceito de assombro social para esta pesquisa reside justamente em sua capacidade de iluminar os pontos de tensão entre o espaço urbano e as vivências cotidianas dos cidadãos. Em diálogo com os conceitos de direito à cidade (LEFEBVRE, 2001) e de teia social (SANTOS, 1996), o assombro revela a densidade simbólica do espaço e sua potência como campo de resistência e transformação. Trata-se de uma categoria que permite pensar a cidade não apenas como estrutura, mas como experiência, linguagem e política.

Essa leitura complexa sobre o assombro social reforça a noção de que a cidade não pode ser compreendida apenas por suas funções técnicas ou por seus dispositivos formais de planejamento, mas também e, sobretudo, pelos

modos como é percebida, narrada e simbolizada por seus habitantes. A cidade é, como propõe Armando Silva (2001), uma realidade construída por meio de práticas simbólicas e imaginárias sedimentadas no cotidiano e que, quando desestabilizadas por situações-limite, geram rupturas que produzem assombros. Tais rupturas, como aponta Silva, “não são necessariamente trágicas, mas reveladoras”, pois denunciam o descompasso entre a cidade vivida e a cidade projetada (SILVA, 2011, p. 9).

Essa perspectiva se alinha à compreensão de Henri Lefebvre (2001), para quem o espaço urbano é uma construção social e política. O “direito à cidade”, em sua formulação original, implica a participação ativa dos cidadãos na produção do espaço, não apenas como consumidores ou usuários, mas como agentes simbólicos, afetivos e políticos. O assombro, nesse sentido, é o momento em que esse direito é reativado por meio da percepção de uma fratura, da evidência de um vazio simbólico, ou da emergência de um conflito não reconhecido. O assombro social, portanto, é político porque revela as desigualdades invisíveis e exige novas formas de escuta e atuação. O assombro social se insere, aqui, como um desses momentos em que o espaço é reapropriado simbolicamente, revelando que ele não é apenas um palco, mas um ator na produção das experiências urbanas.

Do ponto de vista metodológico, o assombro social não deve ser tratado apenas como um conceito explicativo, mas como uma chave interpretativa para a leitura de eventos urbanos de alta intensidade simbólica. Ele permite compreender como determinados acontecimentos produzem deslocamentos duradouros no imaginário coletivo, reconfigurando narrativas, memórias e formas de pertencimento. Ao lado da fantasmagoria, o assombro constitui um operador central para a análise das relações entre imagem, poder e espaço urbano.

Importa destacar que o assombro social, enquanto ruptura estética e cognitiva, se manifesta também como um chamado ético. Ele exige respostas. Como observam Borja e Muxí (2003), o urbanismo contemporâneo precisa reconhecer a dimensão simbólica da cidade como componente indispensável para a formulação de políticas urbanas mais democráticas. “Planejar a cidade

não é apenas ordenar seus elementos físicos, mas sobretudo reconhecer os significados que os cidadãos atribuem a esses elementos” (BORJA; MUXÍ, 2003, p. 84). Ignorar os assombros é ignorar o clamor por reconhecimento, pertencimento e transformação que pulsa nos interstícios da vida urbana.

Em diálogo com a psicanálise, essa dinâmica pode ser lida à luz do conceito de “simbólico” em Lacan (1998), no qual a ordem social é sustentada por pactos inconscientes e discursos compartilhados. O assombro social, nesse registro, rompe com essa ordem simbólica, introduzindo o “real”, aquilo que escapa à significação plena, mas insiste em se manifestar. Como escreve Lacan, “o real é o impossível, é aquilo que nunca cessa de não se escrever” (LACAN, 1998, p. 112). Quando o espaço urbano se torna o palco de um assombro coletivo, como no caso dos ataques à democracia em Brasília ou nas percepções de abandono nas periferias, o que emerge é precisamente esse real: o não-dito, o excluído, o reprimido. A cidade deixa de ser apenas forma e função, tornando-se sintoma, um campo de conflitos que exige elaboração coletiva.

Essa perspectiva psicanalítica complementa a abordagem de Armando Silva ao afirmar que o assombro social não é um mero evento, mas um processo simbólico contínuo de reelaboração do urbano. Assim, ele se torna um dispositivo estratégico para os estudos em design urbano e políticas públicas, pois revela os limites da gestão técnica e aponta para a necessidade de modelos participativos e sensíveis às realidades vividas. Como destaca Manzini (2015), o *design* social deve operar como uma forma de escuta e mediação entre os cidadãos e os territórios, valorizando “as histórias locais, as práticas culturais e os afetos” (MANZINI, 2015, p. 91).

Nesse sentido, incorporar o assombro social às práticas de planejamento urbano significa reconhecer os cidadãos como sujeitos simbólicos e não apenas como consumidores de infraestrutura. Essa abordagem está em consonância com a concepção de Humberto Maturana e Francisco Varela (2001), para os quais a cognição é indissociável da

experiência e da interação social. “Conhecer é viver em um mundo de significados compartilhados”, afirmam os autores (MATURANA; VARELA, 2001, p. 243). Portanto, políticas públicas verdadeiramente transformadoras devem ser construídas a partir da escuta ativa desses significados, dos silêncios, dos traumas, das memórias e dos desejos que se manifestam no espaço urbano.

Ao fazer emergir aquilo que está fora do discurso oficial, o desespero, a exclusão, o ressentimento, o desejo por reconhecimento, o assombro social se configura como um campo privilegiado para o exercício da cidadania crítica. Essa cidadania não se limita à participação formal, mas se expressa na capacidade de produzir sentidos e de contestar as narrativas hegemônicas sobre a cidade. Como afirma Haesbaert (2007), o território é também um “território existencial”, atravessado por vínculos afetivos, simbólicos e identitários. O assombro, nesse contexto, é uma fissura nesses territórios existenciais que permite a emergência de novas formas de presença e de pertencimento.

Neste trabalho, o conceito de assombro social será mobilizado de forma sistemática no Capítulo 6, onde os eventos do 8 de janeiro de 2023 serão analisados como um caso emblemático de ruptura simbólica no imaginário de Brasília. A análise empírica tomará como base os seguintes critérios interpretativos, derivados da teoria de Armando Silva:

1. Ruptura da ordem simbólica, identificada na ocupação violenta de espaços que, simbolicamente, não deveriam ser acessíveis dessa forma;
2. Produção de imagens-fantasma, observada na circulação massiva de registros visuais que inscrevem o evento na memória coletiva;
3. Reconfiguração do imaginário urbano, evidenciada nas narrativas públicas sobre Brasília após o evento;
4. Persistência do assombro, analisada a partir da permanência afetiva e simbólica do episódio no discurso social e político.

Ao delimitar essas categorias, este capítulo cumpre a função de fundamentar teoricamente o assombro social como ferramenta analítica, preparando o terreno para a leitura empírica aprofundada que será desenvolvida a seguir. O assombro é compreendido, assim, não apenas como um efeito do evento, mas como um operador crítico capaz de revelar as fissuras do pacto simbólico que sustenta a cidade e a democracia brasileira.

4. Fantasmagorias do Distrito Federal

Este capítulo procura situar o Distrito Federal como um campo simbólico específico, no qual se articulam imaginários, fantasmagorias e tensões estruturais que atravessam a experiência urbana de seus habitantes. Diferentemente de uma contextualização histórica exaustiva, o que se propõe aqui é nomear as fraturas simbólicas centrais de Brasília e preparar o terreno analítico para a leitura dos dados empíricos do projeto *Brasília Imaginada*, apresentada no Capítulo 5.

Brasília não pode ser compreendida apenas como uma cidade planejada, mas como uma imagem projetiva de nação, construída a partir de uma utopia modernista que associava forma urbana, racionalidade técnica e progresso social. Essa imagem inaugural, fortemente sedimentada no Plano Piloto, estrutura até hoje o imaginário dominante da capital federal. No entanto, a cidade vivida revela um conjunto de experiências que frequentemente entram em tensão com essa narrativa oficial, produzindo um campo fértil de fantasmagorias urbanas.

O Plano Piloto, designado como a Região Administrativa I do Distrito Federal, concentra os principais símbolos do poder político, da monumentalidade arquitetônica e da centralidade institucional. Sua concepção, organizada a partir das escalas monumental, residencial, gregária e bucólica, consolidou uma imagem de ordem, clareza formal e excepcionalidade urbana,

reconhecida inclusive como patrimônio cultural da humanidade (IPHAN, 2018). Essa centralidade simbólica, contudo, não se distribui de maneira homogênea pelo território do Distrito Federal.

À medida que Brasília se expande, surgem as demais Regiões Administrativas, historicamente associadas à moradia da força de trabalho e à solução de demandas habitacionais não previstas no projeto original. Essas regiões passam a ocupar uma posição ambígua no imaginário urbano: são constitutivas da cidade, mas frequentemente percebidas como margens, satélites ou exteriores simbólicos do centro planejado. É nesse descompasso entre cidade concebida e cidade experienciada que emergem as fantasmagorias do Distrito Federal.

Este capítulo parte do pressuposto de que Brasília é atravessada por tensões simbólicas estruturais, entre as quais se destacam:

- (i) a oposição entre monumentalidade e cotidiano;
- (ii) a clivagem entre centro político-administrativo e regiões periféricas;
- (iii) as experiências contrastantes de pertencimento e exclusão;
- (iv) as narrativas de segurança, medo e controle que atravessam determinados territórios.

Essas tensões não se manifestam apenas na materialidade urbana, mas sobretudo nas imagens, narrativas e afetos mobilizados pelos cidadãos ao falar de sua cidade. Conforme aponta Kevin Lynch ([1960] 1999), a imagem urbana é construída a partir das associações mentais e simbólicas dos habitantes, sendo profundamente marcada por memórias, expectativas e experiências cotidianas. No caso de Brasília, tais imagens variam significativamente conforme a Região Administrativa, revelando um mosaico de percepções frequentemente contraditórias.

A leitura dessas imagens é aprofundada quando articulada à noção lacaniana de sujeito dividido. Para Lacan, o sujeito é constituído na linguagem e atravessado pelo desejo do Outro, sendo sempre marcado por uma falta estrutural (LACAN, 1957–58). Transposta para o campo urbano, essa perspectiva permite compreender as fantasmagorias como sintomas de uma cidade que não coincide plenamente consigo mesma. A Brasília idealizada — racional, ordenada e totalizante — convive com restos simbólicos que escapam à narrativa oficial e retornam sob a forma de fantasmas: imagens de ausência, exclusão, medo ou deslocamento.

Para Lefebvre, a pressão exercida pelas massas leva ao surgimento e ao reconhecimento de certos direitos sociais que definem o avanço da civilização. Esses direitos, gradualmente, tornam-se parte do cotidiano e se inserem nas normas que regulam as relações sociais. (LEFEBVRE, 2008, p. 139) Dentre esses direitos, destaca-se o direito à cidade, que Lefebvre descreve não como um retorno à cidade antiga, mas como um direito à vida urbana contemporânea. Isso inclui o acesso renovado à centralidade, aos espaços de encontro e troca, e a ritmos de vida e uso do tempo que permitam a plena utilização desses momentos e lugares.

Ao relacionar esse conceito com os Imaginários Urbanos de Brasília, é possível perceber como a visão de Lefebvre dialoga com como os cidadãos de Brasília percebem e vivenciam a cidade. Brasília, como uma cidade planejada, carrega consigo uma carga simbólica e imaginária significativa, onde a centralidade do Plano Piloto e as regiões administrativas periféricas geram percepções distintas sobre o direito à cidade. A pressão por direitos, como o acesso aos espaços de encontro e à vida urbana plena, reflete nas fantasmagorias urbanas, que expressam tanto o desejo de inclusão e renovação quanto os sentimentos de exclusão e marginalização. Assim, os Imaginários Urbanos de Brasília se tornam um campo fértil para explorar como os cidadãos entendem e reivindicam seu direito à cidade, moldando o planejamento urbano e as políticas públicas para torná-los mais sensíveis às realidades locais.

No Distrito Federal, as fantasmagorias manifestam-se de maneira desigual entre as Regiões Administrativas. Nas áreas centrais, especialmente no Plano Piloto, tendem a emergir imagens associadas ao poder, à monumentalidade, à ordem e à excepcionalidade da cidade. Já nas regiões periféricas, as imagens recorrentes frequentemente evocam ausência, abandono, distância, violência ou invisibilidade simbólica. Essas representações não devem ser interpretadas como meras opiniões individuais, mas como indicadores de experiências urbanas estruturalmente distintas.

Quando essas imagens-fantasma circulam para além de seus territórios de origem, seja por meio das redes sociais, da mídia ou de intervenções culturais, podem produzir momentos de ruptura simbólica mais ampla, aproximando-se do que Silva (2011) denomina assombro social. Embora essa categoria seja desenvolvida em outro capítulo, é importante registrar aqui sua articulação estrutural com as fantasmagorias: estas operam como camadas latentes que, ao ganharem visibilidade, desestabilizam o imaginário dominante da cidade.

A partir desse enquadramento, o presente capítulo opera como ponte analítica entre teoria e empiria. No Capítulo 5, os dados do projeto *Brasília Imaginada* serão analisados por Região Administrativa, buscando identificar padrões recorrentes de imagens, narrativas e afetos associados à cidade. As fantasmagorias serão tratadas como categorias interpretativas, permitindo compreender como diferentes territórios produzem sentidos distintos sobre Brasília e como essas produções simbólicas revelam tensões estruturais do espaço urbano.

A análise empírica não busca confirmar previamente hipóteses fechadas, mas testar e refinar expectativas interpretativas formuladas a partir do arcabouço teórico aqui apresentado. Trata-se de uma leitura relacional, que articula imaginário, território e experiência urbana, com vistas a subsidiar reflexões sobre planejamento urbano e políticas públicas sensíveis às realidades vividas.

Com base na discussão teórica e na caracterização simbólica do Distrito Federal, este trabalho parte das seguintes hipóteses interpretativas, que orientarão a análise do Capítulo 5:

1. Monumento *versus* cotidiano

Espera-se que as fantasmagorias associadas ao Plano Piloto enfatizem monumentalidade, poder e excepcionalidade, enquanto nas regiões periféricas predominem imagens ligadas ao cotidiano, à sobrevivência e à experiência prática da cidade.

2. Centro *versus* margens

As narrativas deverão revelar uma clivagem simbólica entre o centro político-administrativo e as periferias, expressa em sentimentos de distância, deslocamento e desigualdade de pertencimento.

3. Pertencimento *versus* exclusão

As imagens-fantasma tenderão a evidenciar disputas em torno do reconhecimento como cidadão pleno de Brasília, indicando quem se sente incluído no projeto da cidade e quem se percebe como exterior a ele.

4. Segurança, medo e controle

Em determinadas Regiões Administrativas, especialmente nas periferias, espera-se a recorrência de fantasmagorias associadas ao medo, à violência e à vigilância, funcionando como indicadores de tensões sociais latentes.

Essas hipóteses constituem categorias analíticas abertas, que serão aplicadas, tensionadas e eventualmente reformuladas a partir dos dados empíricos. Sua função é organizar o olhar interpretativo e explicitar o percurso metodológico da pesquisa.

Diz Lynch que “Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte da sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados” ([1960] 1999, p. 1) Ao investigar essas representações, a pesquisa entenderá como as memórias coletivas e individuais contribuem para a construção de uma identidade urbana única em Brasília. As fantasmagorias emergentes dessa análise revelam como diferentes grupos sociais percebem e valorizam os espaços urbanos, evidenciando as desigualdades e os pontos de tensão entre centro e periferia. Além disso, essas imagens carregadas de significado podem orientar o planejamento urbano e a formulação de políticas públicas que respeitem e respondam às necessidades e expectativas dos cidadãos, reconhecendo a diversidade de experiências que compõem o tecido social da cidade.

Assim, a citação de Lynch sublinha a importância de considerar as vivências pessoais e coletivas na análise dos Imaginários Urbanos, reforçando a ideia de que a cidade não é somente um espaço físico, mas também uma construção simbólica e afetiva que influencia profundamente a vida dos seus habitantes.

Segundo Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem, seguindo regras lógicas que podem ser detectadas na escuta do significante. (Lacan, 1957–58, p. 12) Ele utiliza conceitos da linguística estrutural, como signo, significante e significado, para desenvolver sua própria teoria do inconsciente. Para Lacan, o inconsciente só pode ser conhecido através de suas manifestações no discurso analítico, de forma que o sujeito assuma as consequências e a responsabilidade sobre seu lugar de desejante. (Lacan, 1957, p. 528–529) Além disso, há sempre algo no sujeito que escapa à sua própria compreensão, pois ele não é dono da casa que habita, ou como já disse Freud: “O Eu não é mais senhor em sua própria casa.” (FREUD, [1917] 1944, p. 295) Sendo, portanto, joguete do desejo do Outro.

A subjetividade, para Lacan, se constitui no entrelaçamento borromeano do Real, Imaginário e Simbólico. (LACAN, 1953–54/2009, p. 101) O Imaginário refere-se à imagem do corpo próprio e à identificação com o semelhante, enquanto o Simbólico diz respeito à ordem da linguagem e da lei. O sujeito é

dividido, alienado aos significantes, e seu desejo é o desejo do Outro. Lacan propõe uma reformulação do cogito cartesiano, afirmando que “penso onde não sou, logo sou onde não penso”, indicando que o sujeito não é idêntico a si, mas constituído pela linguagem. Dessa forma, Lacan subverte dialeticamente a concepção freudiana do sujeito, situando-o na interseção entre inconsciente e linguagem.

O método de pesquisa dos Imaginários Urbanos, desenvolvido por Armando Silva, fundamenta-se na análise dos imaginários coletivos e das representações sociais e culturais atribuídas ao ambiente urbano. Para Silva, as cidades transcendem seu aspecto físico: são constelações simbólicas de significados e percepções que moldam e são moldadas continuamente pelas interações dos cidadãos. Silva argumenta que os Imaginários Urbanos constituem um campo dinâmico de sentidos que reflete as experiências subjetivas e os contextos culturais de seus habitantes, atuando como mediadores das relações entre as pessoas e o espaço que ocupam (SILVA, 2001, p. 83). Esse método envolve a identificação e interpretação de narrativas, símbolos e imagens que indivíduos e grupos sociais constroem em relação aos seus territórios urbanos, buscando compreender de que forma essas construções simbólicas impactam as práticas cotidianas e a percepção do ambiente urbano. Essa abordagem planeja revelar as camadas latentes dos Imaginários Urbanos, expondo como esses sistemas simbólicos moldam as experiências, os afetos e as identidades sociais dos cidadãos. Para tanto, a pesquisa investiga as histórias, percepções e valores que os habitantes atribuem às suas cidades, considerando como esses elementos contribuem para a construção do espaço urbano e a formação de identidades e memórias coletivas (SILVA, 2001, p. 85).

Ao considerar o espaço urbano como um campo simbólico, o método de Silva explora a relação entre o espaço vivido e as dinâmicas de poder, identidade e pertencimento, proporcionando uma perspectiva rica sobre como as percepções urbanas podem influenciar o desenvolvimento de políticas públicas. Nesse contexto, a compreensão dos Imaginários Urbanos permite

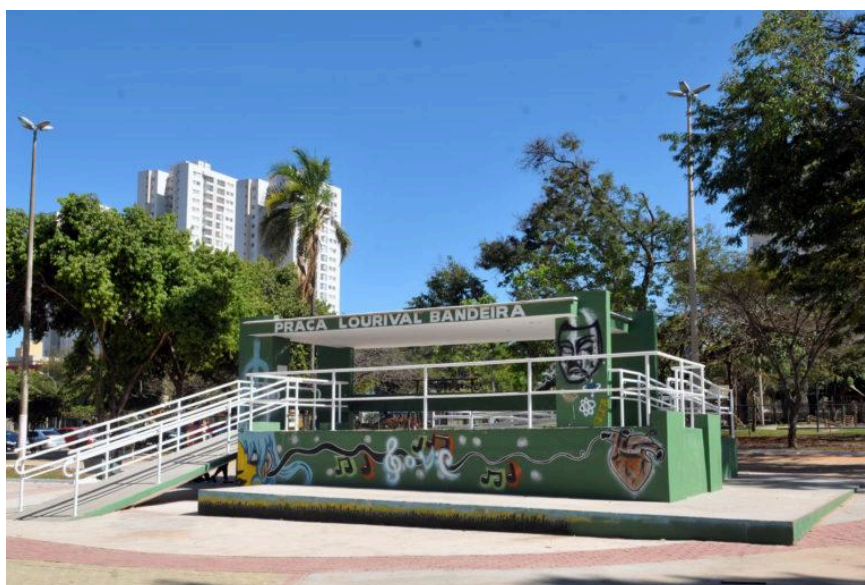
explorar as demandas sociais não expressas explicitamente, as angústias e os desejos coletivos que se manifestam através das representações simbólicas. Essa dimensão simbólica é essencial para a formulação de políticas públicas sensíveis e ajustadas às realidades urbanas experimentadas cotidianamente, atendendo às necessidades dos cidadãos com maior precisão e legitimidade (SILVA, 2001, p. 90).

As fantasmagorias urbanas manifestam-se com notável intensidade nas regiões periféricas do Distrito Federal, especialmente quando observadas sob a ótica da teoria dos Imaginários Urbanos de Armando Silva. Segundo o autor, essas imagens simbólicas projetadas sobre a cidade emergem como condensações afetivas de desejos, medos e frustrações, frequentemente localizadas fora do eixo hegemônico da representação urbana (SILVA, 2001). No caso de Brasília, essa força simbólica se concentra com maior vigor nas regiões administrativas que se afastam geografica e subjetivamente do Plano Piloto. Nesses territórios, as representações simbólicas, ou “fantasmas urbanos”, evidenciam expectativas sociais não cumpridas, apagamentos históricos, ausência de serviços públicos e invisibilidade política, constituindo-se como uma forma de comunicação simbólica e silenciosa da exclusão.

A análise das narrativas que emergem dessas regiões, conduzida a partir da base de dados do projeto Brasília Imaginada, revela que tais manifestações não podem ser tratadas como meros resíduos poéticos ou manifestações estéticas isoladas. Elas representam formas legítimas de inscrição simbólica da cidadania. Em diálogo com Milton Santos (1996), pode-se dizer que essas imagens compõem uma “sociedade de lugares” marcada por práticas espaciais que desafiam a lógica tecnocrática do planejamento urbano. Ao incorporar essa leitura ao conceito de “direito à cidade” de Henri Lefebvre, torna-se evidente que as fantasmagorias urbanas periféricas expressam uma luta por reconhecimento, por visibilidade e por acesso igualitário aos recursos da vida urbana (LEFEBVRE, 2008).

As regiões administrativas do Distrito Federal, como Gama, Ceilândia, Samambaia, Estrutural ou Itapoã, concentram uma geografia simbólica marcada por silêncios e ausências. Essa condição acentua os efeitos do que Silva (2011) denomina de assombro social: uma ruptura na ordem simbólica que convoca à interpretação e ao deslocamento cognitivo. Ao contrário do susto passageiro, o assombro é um momento partilhado de estranhamento coletivo diante de uma verdade incômoda que se torna visível. Nos muros pichados, nas intervenções gráficas de denúncia, nas manifestações artísticas improvisadas em feiras e becos, encontram-se sinais dessa ruptura. A cidade modernista, organizada pela lógica da ordem e da monumentalidade, vê-se interpelada por imagens que desafiam sua narrativa oficial e revelam sua incompletude simbólica.

Figura 4 — Praça Lourival Bandeira no Gama, Distrito Federal



Fonte: Renato Araújo/Agência Brasília

Figura 5 — Ceilândia, Distrito Federal



Fonte: Joel Rodrigues/Agência Brasília

Figura 6 — Samambaia, Distrito Federal



Fonte: Getúlio Romão

Figura 7 — Estrutural, Distrito Federal



Fonte: Brasil de Fato

Figura 8 — Itapoã, Distrito Federal



Fonte: Programa de Aceleração do Crescimento

Essa desestabilização do urbano planejado ocorre especialmente quando os territórios periféricos ganham visibilidade pública. Expressões visuais de denúncia do racismo estrutural, da violência de Estado, do abandono sanitário ou da exclusão educacional emergem como verdadeiros “fantasmas” que assombram o imaginário dominante. Quando essas manifestações extrapolam o circuito periférico e ganham circulação nas redes sociais, na imprensa ou no debate institucional, produzem reações coletivas de espanto, reflexão e contestação, sinais inequívocos de que o assombro social está em curso. Como argumenta Silva, o assombro social é o momento em que “aquilo que não deveria estar ali, está; o que não era visível, se torna evidente” (SILVA, 2011, p. 5).

A interseção entre fantasmagoria e assombro torna-se particularmente relevante para o campo das políticas públicas. Ao considerar que a cidade não é apenas um artefato físico, mas também um espaço de construção simbólica e afetiva, os planejadores e gestores urbanos são convocados a repensar os instrumentos de análise e intervenção no território. A escuta das imagens-fantasma e dos assombros sociais deve ser compreendida como parte integrante do diagnóstico urbano. Nesse sentido, Lucrécia D’Alessio Ferrara (2002) propõe uma abordagem sensível para o urbanismo, na qual os dados estéticos e culturais da população, seus modos de ver, sentir e narrar a cidade, se integram ao planejamento. A autora destaca que as políticas urbanas mais eficazes são aquelas que reconhecem a cognição estética dos habitantes como componente legítimo do fazer urbano (FERRARA, 2002).

Ao se aproximar dessa perspectiva, permite-se desenhar políticas públicas que respondam à complexidade simbólica da cidade. Intervenções artísticas comunitárias, programas de grafite institucionalizado, mapeamentos afetivos participativos e valorização da memória urbana periférica são algumas das estratégias que podem emergir dessa escuta ampliada. A presença das fantasmagorias e do assombro como formas de conhecimento urbano convida ao desenvolvimento de ferramentas interdisciplinares que aproximem arte, política, planejamento e subjetividade.

Nos dados do projeto Brasília Imaginada, observou-se que as manifestações simbólicas oriundas das periferias, como pinturas de mulheres negras em pontos de ônibus, cartazes com denúncias de feminicídio ou poesias coladas nos muros, frequentemente desdobram-se em eventos de assombro. São reações emocionais e discursivas que invadem o espaço público, estimulando debates, pautas legislativas e formas de solidariedade coletiva. Essa dinâmica confirma que a fantasmagoria não é estática: ao ser percebida e compartilhada, se transforma em assombro e em potência de transformação política.

A relação entre fantasmagoria e assombro reforça, portanto, a urgência de pensar Brasília como um organismo simbólico complexo, marcado por múltiplas camadas de sentido e por narrativas que disputam o espaço da representação. Se, por um lado, a capital federal se apresenta como ícone da racionalidade modernista e da ordem institucional, por outro, abriga zonas de instabilidade simbólica que exigem escuta, interpretação e resposta. Quando o assombro social ocorre, como nas manifestações periféricas que denunciam apagamentos históricos, a cidade se converte em espaço renegociado entre técnicos, políticos, cidadãos e afetos (SILVA, 2011, p. 8).

Essa renegociação simbólica é central para a efetivação do direito à cidade, entendido não apenas como acesso físico aos espaços, mas como participação plena na construção dos sentidos da cidade. Lefebvre (2008) sustenta que o direito à cidade é, antes de tudo, o direito de produzir e usufruir dos símbolos urbanos, dos ritmos temporais e das formas de vida que constituem o cotidiano urbano. Quando as fantasmagorias tornam visível o invisível e os assombros desestabilizam o plano técnico, ocorre a ativação desse direito: o urbano se torna espaço de reivindicação, de escuta e de transformação.

Assim, Brasília não é apenas um projeto urbanístico modernista, mas um campo dinâmico de tensões, simbolizações e disputas de sentido. Reconhecer suas fantasmagorias e seus assombros é reconhecer os cidadãos

como produtores legítimos da cidade. Ao fazê-lo, as políticas públicas se tornam mais sensíveis, mais equitativas e mais democráticas, porque passam a dialogar com a cidade real, com seus fantasmas e com seus afetos.

Ao final, este capítulo reafirma Brasília como um organismo simbólico complexo, marcado por disputas de sentido e por múltiplas formas de vivenciar o urbano. Reconhecer suas fantasmagorias é reconhecer que a cidade não se esgota em seu projeto modernista, mas se reinventa continuamente nas imagens, narrativas e afetos de seus habitantes. É a partir dessa escuta simbólica que se torna possível pensar políticas públicas mais sensíveis, democráticas e alinhadas à cidade real.

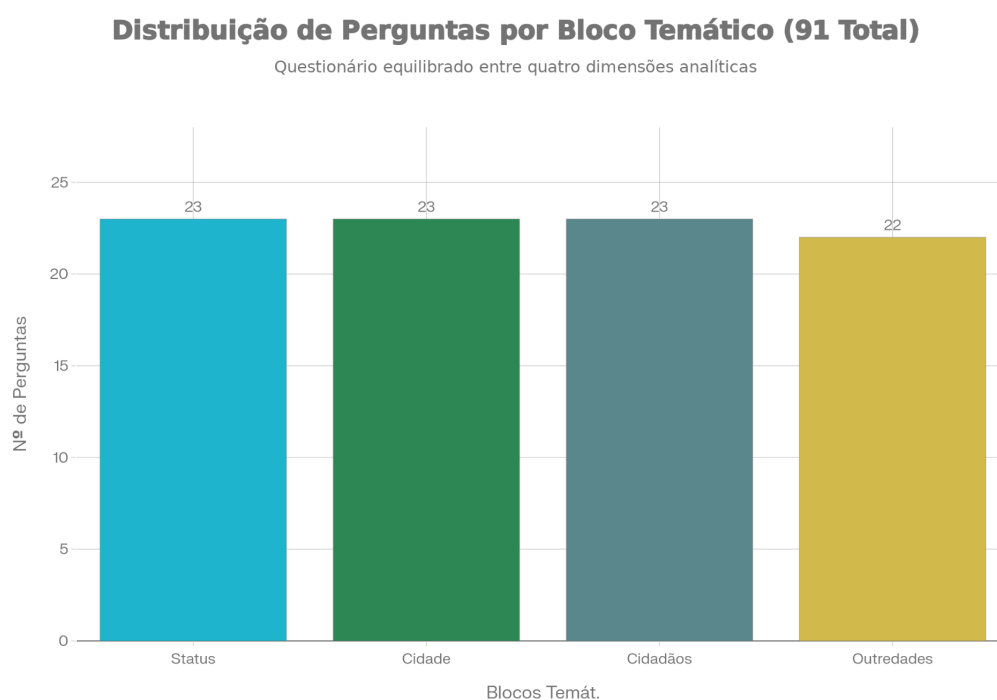
5. Brasília Imaginada

Este capítulo constitui o núcleo empírico da presente dissertação e pretende analisar e interpretar os dados produzidos pelo projeto Brasília Imaginada, integrante do Projeto Internacional Cidades e Comunidades Latinas Imaginadas no Mundo (CYCLI), coordenado metodologicamente por Armando Silva. Diferentemente de abordagens que privilegiam exclusivamente indicadores objetivos ou dados técnicos, o projeto parte da compreensão de que a cidade é também uma construção simbólica e afetiva, atravessada por percepções, memórias, medos, desejos e expectativas coletivas.

O *corpus* empírico é composto por respostas a um questionário estruturado com 91 perguntas, aplicado a 300 moradores do Distrito Federal entre 2020 e 2021, durante e após períodos de isolamento da pandemia de Covid-19. O instrumento foi organizado em blocos temáticos, *status*, cidade, cidadãos e outredades, e buscou captar percepções afetivas relacionadas a lugares considerados representativos, perigosos, alegres, tristes, limpos, sujos, movimentados, bem como recortes específicos associados a gênero, faixa etária, classe social e pertencimentos identitários. As variáveis

sociodemográficas consideradas foram gênero (masculino e feminino), faixa etária (18–24; 25–45; 46–65; acima de 66 anos) e renda (baixa, média e alta), conforme parâmetros estatísticos do Distrito Federal.

Figura 9 — Blocos temáticos do questionário



O questionário do projeto foi organizado em 4 blocos temáticos principais: Status, Cidade, Cidadãos e Outredades. Estes blocos estruturam as 91 perguntas para capturar diferentes dimensões do imaginário urbano, partindo de questões relativas ao status social, passando pela percepção do espaço urbano, pela caracterização dos cidadãos e finalizando com investigações sobre alteridades e pertencimentos identitários.

Os dados, portanto, não são tratados como simples registros descritivos, mas como material simbólico, a partir do qual se tornam visíveis as fantasmagorias urbanas que estruturam o imaginário coletivo de Brasília. A análise segue as categorias propostas por Silva, croquis urbanos, qualidades atribuídas, cenários, temporalidades, marcas cidadãs, rotinas e outredades, aplicando, em cada uma, uma escala de relevância simbólica (emblemático,

muito significativo, significativo, residual), de modo a distinguir o que é central do que é periférico no imaginário urbano.

Para a aplicação do instrumento de pesquisa, se utilizou três critérios:

- a) Gênero: subdividido em masculino e feminino;
- b) Faixa etária: intervalos de 18 a 24 anos, 25 a 45 anos, 46 a 65 anos e maior que 66 anos;
- c) Renda: nível de renda baixo (de 1 a 5 salários mínimos), médio (de 5 a 20 salários mínimos) e alto (superior a 20 salários mínimos).

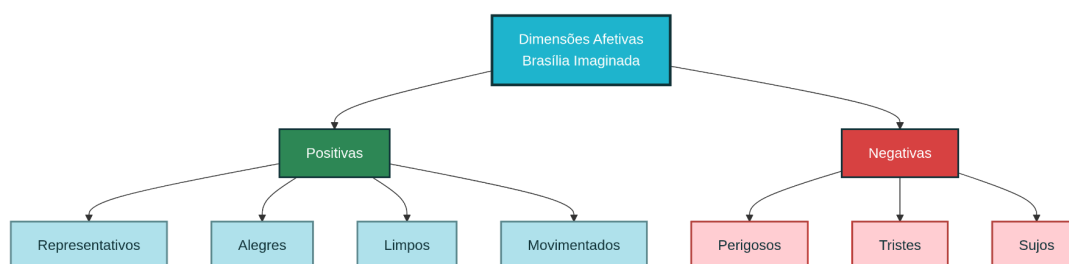
Considerando as informações do Distrito Federal, a baixa renda foi calculada em 77,6% da população, a renda média em 20,6% e a alta renda a 1,8% da população.

O salário mínimo utilizado para o cálculo foi de R\$ 1.101,95. Assim, as faixas de renda a serem utilizadas correspondem:

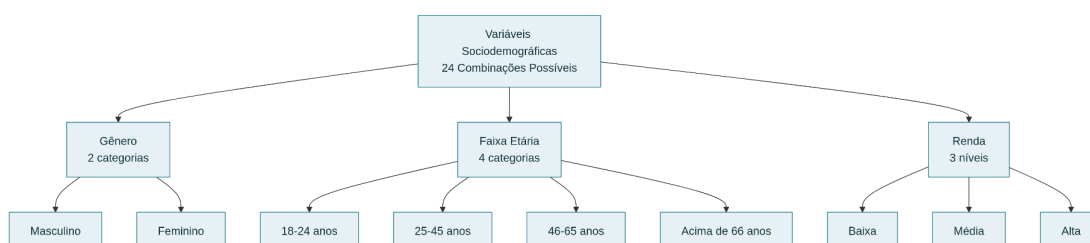
- a) Baixa renda: R\$ 1.101,95 a R\$ 5.509,75
- b) Média renda: R\$ 5.509,75 a R\$ 22.039,00
- c) Alta renda: superior a R\$ 22.039,00

O questionário foi aplicado a um total de 300 pessoas, sendo que desse total:

- a) 36,88% são de pessoas de 18 a 24 anos;
- b) 35,15% são de pessoas de 25 a 45 anos;
- c) 21,05% são de pessoas de 46 a 65 anos;
- d) 6,91% são de pessoas de mais de 66 anos.

Figura 10 — Dimensões afetivas investigadas

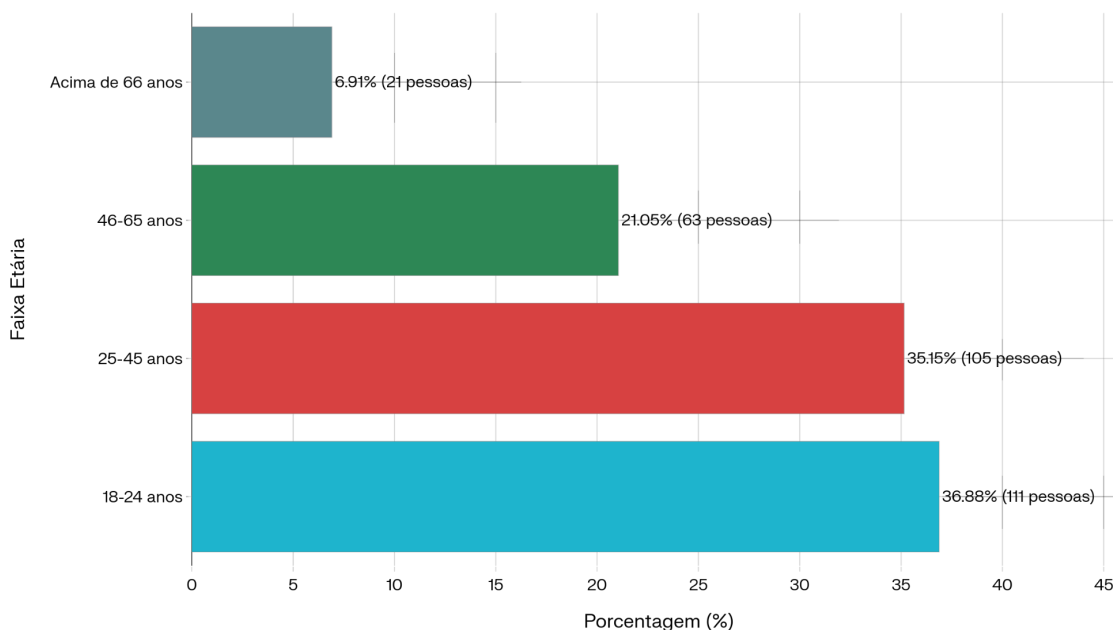
O instrumento de pesquisa capturou percepções afetivas mediante 7 dimensões principais, organizadas em dois polos: dimensões positivas (representativos, alegres, limpos, movimentados) e dimensões negativas (perigosos, tristes, sujos). Esta estrutura revela como o imaginário coletivo de Brasília é estruturado por meio de afetos, memórias e percepções que qualificam os lugares urbanos, permitindo visualizar as fantasmagorias que permeiam a experiência cotidiana da cidade.

Figura 11 — Variáveis sociodemográficas do estudo

O projeto opera com 3 dimensões sociodemográficas que cruzam os dados: Gênero (2 categorias: masculino e feminino), Faixa Etária (4 categorias: 18-24 anos, 25-45 anos, 46-65 anos, acima de 66 anos) e Renda (3 níveis: baixa, média e alta). Esta matriz de variáveis permite 24 combinações possíveis de perfis sociodemográficos, oferecendo uma análise transversal e

interseccional do imaginário urbano que considera as especificidades de gênero, geracional e classe social na construção simbólica de Brasília.

Figura 12 — Participantes por faixa etária em gráfico de barra



O gráfico apresenta a composição etária dos 300 moradores entrevistados. A amostra é predominantemente composta por pessoas jovens e adultos, com o grupo de 18 a 24 anos sendo o mais representativo (36,88%, equivalendo a 111 pessoas), seguido pelo grupo de 25 a 45 anos (35,15%, ou 105 pessoas). O grupo de 46 a 65 anos representa 21,05% da amostra (63 pessoas), enquanto o segmento de pessoas acima de 66 anos é o menor, com 6,91% da amostra (21 pessoas). Esta distribuição reflete uma população urbana majoritariamente jovem e economicamente ativa.

Figura 13 — Participantes por gênero em gráfico de pizza

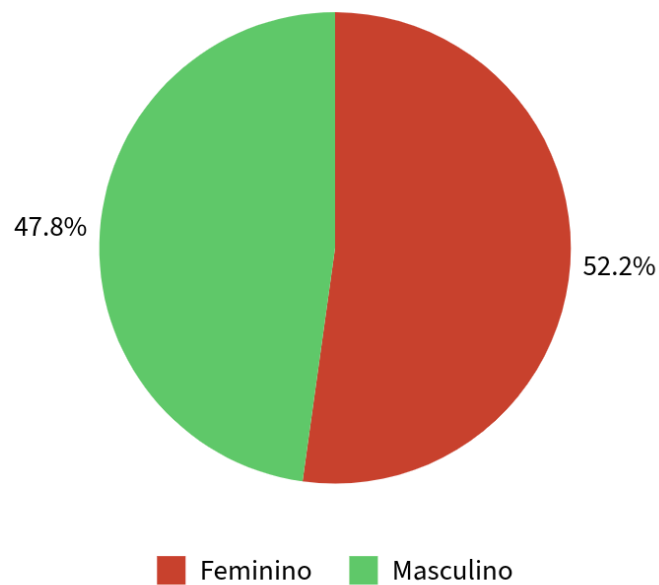
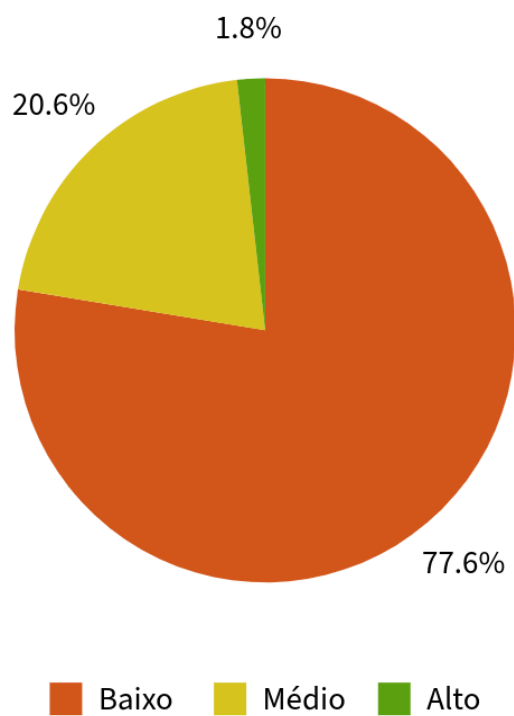


Figura 14 — Participantes por nível socioeconômico em gráfico de pizza



Se utilizando dos critérios de renda, gênero e faixa etária, foram elaboradas questões perguntando: três lugares representativos da arquitetura na cidade, cidade popular, cidade média, cidade dos ricos, lugares mais perigosos, lugar com o melhor cheiro, lugar com o pior cheiro, lugar mais movimentado, com mais bares, lugares com acesso público à internet, lugares mais transitados por mulheres, lugares mais transitados por homens, lugares mais transitados por jovens, lugares mais transitados por idosos, lugares mais transitados por pessoas transgêneras, lugares mais transitados por LGBTQIAP+, lugares mais tristes, lugares mais alegres, lugar com maior venda de rua e com o que o identifica, lugar mais limpo e com que o associa e lugar mais sujo e com o que o identifica.

No recorte de gênero, verifica-se que mulheres apontam com maior frequência a sensação de perigo em determinados espaços urbanos, especialmente nas regiões periféricas e em locais de circulação noturna, enquanto homens tendem a associar os espaços centrais ao movimento, mas nem sempre ao risco. Essa diferença dialoga com o entendimento de Silva (2001, p. 40) de que “o imaginário social não é apenas uma percepção coletiva, mas uma categoria cognitiva de alta subjetividade social”, permeada por experiências de gênero que modulam o pertencimento e a apropriação da cidade. Quanto à variável idade, observa-se que jovens adultos (18-24 anos) frequentemente elegem lugares de lazer e grande circulação como mais alegres e identificáveis, ao passo que idosos tendem a valorizar espaços considerados tranquilos e limpos, evidenciando aquilo que Silva (2001, p. 49) denomina de croquis afetivos, ou seja, “os mapas emocionais desenhados pelos cidadãos a partir de suas vivências e lembranças”.

A classe social, por sua vez, emerge como fator determinante para a percepção da cidade. Respondentes de baixa renda são mais propensos a apontar áreas vulneráveis como lugares perigosos ou tristes, reforçando a análise de Milton Santos (1996, p. 50), para quem “o espaço é, antes de tudo, o produto das condições sociais que o produzem”, marcando diferenças no acesso, no uso e na significação dos territórios urbanos. Já os indivíduos de média e alta renda associam sentimentos de alegria e identificação a regiões

centrais e parques bem estruturados, demonstrando como a infraestrutura e o acesso aos bens urbanos influenciam a construção dos imaginários (LEFEBVRE, 2001).

Os dados confirmam a hipótese de que a cidade é vivida de formas desiguais e que as fantasmagorias, enquanto condensações simbólicas de desejos, medos e expectativas, manifestam-se de maneira diversa segundo as posições sociais e as experiências dos respondentes. Como ressalta Lefebvre (2001, p. 139), “o direito à cidade é um direito à apropriação das múltiplas dimensões da vida urbana”, o que pressupõe escuta atenta e políticas públicas sensíveis às diferenças que marcam a experiência urbana no Distrito Federal.

A identificação das fantasmagorias no contexto do projeto “Brasília Imaginada” revela-se justamente nesse espaço de tensão entre o real e o imaginado. Como destaca Armando Silva (2014, p. 44), “as fantasmagorias urbanas emergem quando o que é vivido pelos cidadãos diverge daquilo que é projetado ou difundido como imagem oficial da cidade”. Trata-se de zonas de sobreposição ou dissonância, nas quais expectativas, medos, desejos e frustrações coletivas se condensam em imagens, símbolos ou mesmo silêncios sobre determinados lugares. Essas manifestações não são meramente individuais: elas são partilhadas e negociadas socialmente, compondo o que Silva denomina “campos dinâmicos do imaginário” (SILVA, 2014, p. 36).

A partir dessa amostragem plural, o projeto busca compreender como diferentes grupos sociais constroem mapas afetivos e simbólicos de Brasília, dialogando com a proposta teórica de Armando Silva (2001) sobre os imaginários urbanos. O cruzamento dos dados sociodemográficos, gênero, idade e classe social, com as percepções acerca de espaços urbanos permite analisar as camadas subjetivas e coletivas que compõem a experiência da cidade. Assim, a pesquisa não apenas revela os lugares mais frequentemente associados a sentimentos de alegria, tristeza, perigo ou movimentação, mas também evidencia como essas imagens e significados se distribuem de modo desigual entre distintos segmentos da população. Ao analisar essas respostas, possibilita-se avançar na compreensão dos processos de identificação, exclusão e pertencimento que marcam o cotidiano do Distrito Federal.

A análise dos dados obtidos no âmbito do projeto “Brasília Imaginada” possibilita identificar o que Silva denomina fantasmagorias, ou seja, zonas de divergência entre o real empírico e o imaginado coletivo, onde se manifestam tensões, lacunas e desejos latentes na experiência urbana. Tais discrepâncias, reveladas pelas percepções subjetivas dos cidadãos sobre lugares perigosos, tristes ou alegres, evidenciam as áreas onde a cidade vivida se distancia da cidade planejada ou da imagem oficial propagada pelo poder público. A identificação dessas fantasmagorias pode ser estratégica para o campo das políticas públicas, pois torna visíveis demandas, medos, afetos e ausências que normalmente escapam aos indicadores tradicionais e aos diagnósticos quantitativos. Incorporar o olhar do habitante no processo de formulação de políticas permite reconhecer dinâmicas e conflitos invisibilizados, promovendo intervenções urbanas mais sensíveis e legitimadas socialmente. Assim, o mapeamento das fantasmagorias contribui não apenas para a ampliação da escuta cidadã, mas também para o desenvolvimento de políticas públicas mais inclusivas, plurais e sintonizadas com as subjetividades e os imaginários urbanos do Distrito Federal.

No caso de Brasília, o questionário do projeto permite perceber, por exemplo, como certos espaços, a Rodoviária do Plano Piloto, o Setor Comercial Sul, ou regiões periféricas como Ceilândia, são simultaneamente percebidos como centros de vitalidade e polos de insegurança, conforme o grupo social consultado. Essa ambiguidade, frequentemente evidenciada nas respostas dos entrevistados, demonstra a natureza dicotômica da fantasmagoria: o mesmo local pode ser visto como alegre para uns e perigoso para outros, como símbolo de modernidade para alguns e de exclusão para outros. Em termos metodológicos, esse contraste só se evidencia pela escuta atenta dos mapas afetivos construídos pela população, evidenciando a importância dos croquis afetivos e das representações coletivas no estudo do espaço urbano (SILVA, 2001, p. 49).

Além disso, as fantasmagorias constituem aquilo que Benjamin (2012, p. 176) chama de “restos do passado que retornam como imagens, assombrando o presente e revelando as fissuras da vida social”. O lugar evitado porque

“parece perigoso”, a praça que “foi alegre, mas está esquecida”, ou o parque que “representa uma Brasília idealizada”, são exemplos concretos de como essas imagens fantasmáticas se inscrevem na experiência cotidiana. Em cada resposta, emerge a tensão entre o vivido e o representado, entre o empírico e o imaginário, que, como destaca Silva (2011, p. 5), constitui um dos motores da construção simbólica do espaço urbano.

Figura 15 — Setor Comercial Sul de Brasília



Fonte: Dênio Simões/Agência Brasília

Figura 16 — Pedestres na Rodoviária do Plano Piloto, no DF



Fonte: Walder Galvão/g1

Figura 17 — Ceilândia, região administrativa do Distrito Federal



Fonte: Ed Alves/CB/D.A Press

Na prática, o reconhecimento dessas fantasmagorias desafia os planejadores e gestores urbanos a ir além dos dados objetivos e das métricas convencionais. Isso significa, como adverte Lefebvre (2001, p. 73), considerar o espaço não apenas como produto de relações econômicas ou técnicas, mas como “obra coletiva em permanente disputa”, onde os sentidos atribuídos pelos habitantes são tão relevantes quanto as infraestruturas físicas.

Ao revelar as zonas de dissonância e contraste, o mapeamento das fantasmagorias fornece elementos valiosos para o diagnóstico urbano e para o desenvolvimento de políticas públicas mais inclusivas e sensíveis às realidades diversas do Distrito Federal. Afinal, como lembra Milton Santos (1996, p. 50), “o espaço vivido é sempre singular, resultado do encontro entre a objetividade das condições materiais e a subjetividade das experiências cotidianas”. Incorporar as fantasmagorias ao debate público permite resgatar vozes, afetos e narrativas que, muitas vezes, ficam à margem do discurso técnico ou oficial sobre a cidade, promovendo, assim, a construção de uma Brasília mais plural, justa e humanizada.

5.1 Croquis urbanos: mapas afetivos e centralidades simbólicas

Os dados indicam que uma parcela expressiva dos respondentes associa Brasília, de forma recorrente, a espaços localizados no Plano Piloto. Elementos como a Esplanada dos Ministérios, a Rodoviária do Plano Piloto, os grandes eixos viários e os edifícios institucionais aparecem com alta frequência quando os participantes são convidados a nomear lugares representativos da cidade. Observa-se, simultaneamente, que regiões administrativas periféricas surgem com menor recorrência nesses mapas mentais, aparecendo de forma fragmentada ou associadas a funções específicas.

Esses dados foram organizados na categoria croquis urbanos, entendidos, segundo Silva (2001), como mapas afetivos e cognitivos construídos pelos cidadãos a partir de suas vivências e referências simbólicas.

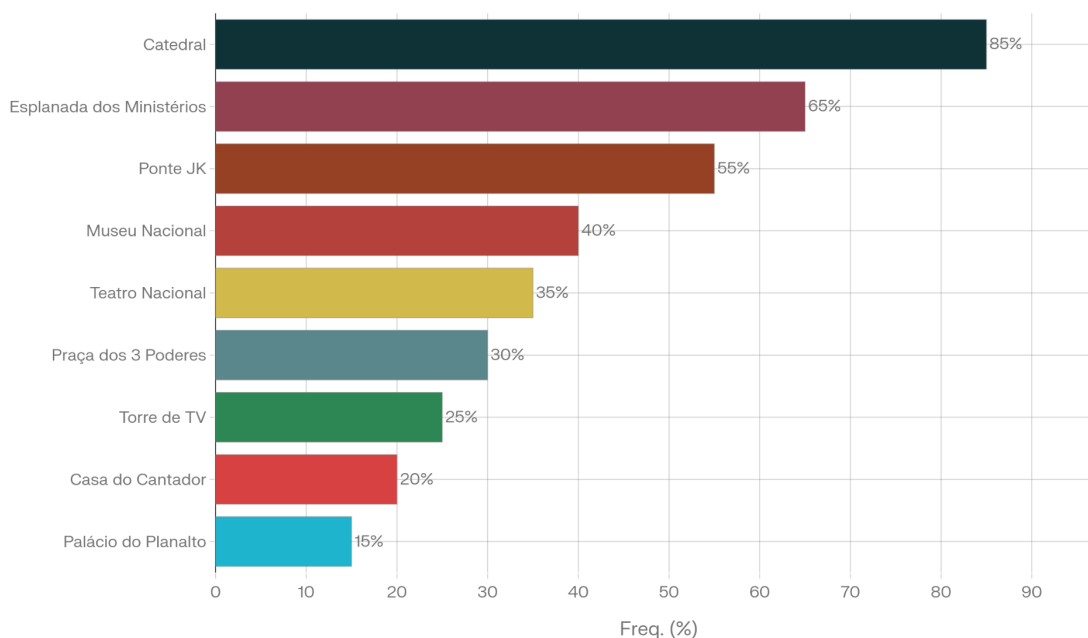
A predominância do Plano Piloto como centro simbólico revela uma hierarquia imagética que não corresponde necessariamente à diversidade territorial do Distrito Federal.

A partir do conceito de fantasmagoria, essa centralidade reiterada pode ser interpretada como a persistência simbólica da cidade planejada. O Plano Piloto funciona como um fantasma estruturante: mesmo para cidadãos que não o habitam, ele organiza a imagem mental da cidade. Trata-se da presença simbólica de um ideal urbano que continua a operar no imaginário coletivo, ainda que a experiência cotidiana se dê majoritariamente em outros territórios.

Essa leitura evidencia uma tensão estrutural entre visibilidade simbólica e vivência concreta. Brasília é imaginada a partir de um núcleo monumental que concentra reconhecimento, enquanto vastas áreas da cidade permanecem simbolicamente secundarizadas. Tal discrepância aponta para uma cidade conhecida por poucos fragmentos e vivida em muitos outros, produzindo uma assimetria no direito à representação simbólica.

Do ponto de vista reflexivo, essa fantasmagoria sugere que políticas urbanas que reforçam apenas as centralidades tradicionais tendem a reproduzir invisibilidades simbólicas. A escuta dos croquis urbanos evidencia a necessidade de reconhecer outras centralidades afetivas, especialmente nas regiões administrativas periféricas.

Assim, os croquis urbanos revelam como a imagem de Brasília permanece ancorada em um núcleo simbólico restrito, configurando uma fantasmagoria da centralidade modernista.

Figura 18 — Centralidades simbólicas em Brasília

A Catedral emerge como o lugar mais representativo (85% de menções), seguida pela Esplanada dos Ministérios (65%) e pela Ponte JK (55%). Estes dados confirmam a centralidade simbólica do Plano Piloto no imaginário coletivo. Porém, essa prevalência não significa apropriação: a pesquisa revela que muitos respondentes admiram estes espaços sem necessariamente vivenciá-los cotidianamente.

5.2 Qualidades atribuídas: afetos urbanos e ambivalências

Os dados referentes às qualidades atribuídas à cidade mostram que Brasília é associada simultaneamente a afetos positivos e negativos. Termos como “organizada”, “bonita” e “moderna” aparecem com frequência, sobretudo quando vinculados ao Plano Piloto. Em paralelo, sentimentos como “tristeza”, “solidão” e “frieza” surgem de forma recorrente quando os respondentes se referem à vivência cotidiana e aos deslocamentos urbanos.

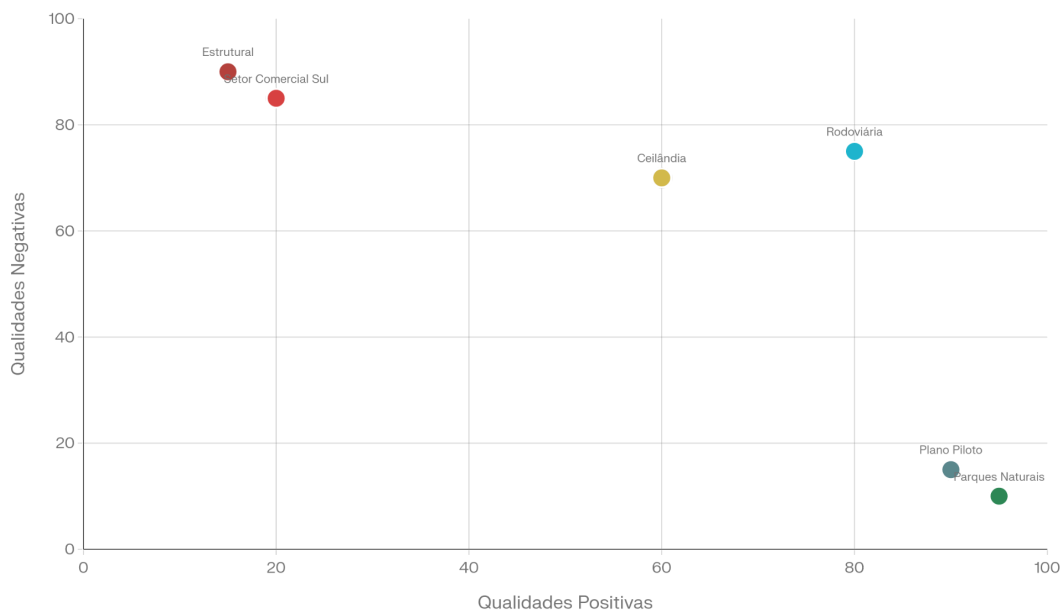
Esses dados foram agrupados na categoria “qualidades urbanas”, que diz respeito às características afetivas e simbólicas atribuídas à cidade pelos cidadãos. A coexistência de avaliações positivas e negativas aponta para uma ambivalência constitutiva do imaginário urbano de Brasília.

Interpretadas à luz da fantasmagoria, essas ambivalências revelam a presença de uma cidade idealizada que convive com experiências afetivas de distanciamento. A beleza e a organização funcionam como imagens herdadas do projeto modernista, enquanto a solidão e a frieza emergem da experiência cotidiana de circulação, escala e uso dos espaços.

Essa tensão simbólica indica que a cidade é admirada à distância, mas dificilmente apropriada afetivamente. A qualidade estética não se converte automaticamente em pertencimento, revelando uma fratura entre forma urbana e experiência vivida.

Como implicação reflexiva, observa-se que políticas públicas centradas exclusivamente na qualificação formal dos espaços tendem a ignorar dimensões afetivas fundamentais da experiência urbana. A leitura das qualidades urbanas aponta para a necessidade de considerar como os cidadãos sentem a cidade, e não apenas como a avaliam esteticamente.

Desse modo, as qualidades atribuídas configuram uma fantasmagoria da cidade admirada, porém emocionalmente distante.

Figura 19 — Ambivalências afetivas

O gráfico de dispersão acima cartografa esta ambivalência. A Rodoviária do Plano Piloto posiciona-se no quadrante de alta positividade e alta negatividade (movimentada, mas perigosa, vital, mas insegura). O Setor Comercial Sul concentra-se na zona negativa (sujo e triste), enquanto os Parques Naturais dominam a zona de positividade (alegres e limpos). O Plano Piloto na totalidade posiciona-se na zona positiva, mas com certo grau de negatividade relatada (a frieza, a falta de apropriação).

Estes dados confirmam o que o texto analítico identifica: Brasília é associada simultaneamente a afetos positivos e negativos. Termos como "organizada", "bonita" e "moderna" convivem com "tristeza", "solidão" e "frieza". Esta coexistência é particularmente intensa quando se consideram os deslocamentos urbanos e a vivência cotidiana da cidade.

5.3 Cenários urbanos: lugares de alegria, perigo e tristeza

Os dados indicam que determinados espaços concentram significados afetivos intensos. A Rodoviária do Plano Piloto, o Setor Comercial Sul e algumas regiões periféricas aparecem simultaneamente como lugares movimentados e perigosos. Parques e áreas verdes são associados à alegria e ao lazer, enquanto determinadas áreas urbanas são recorrentes nas respostas sobre medo e insegurança.

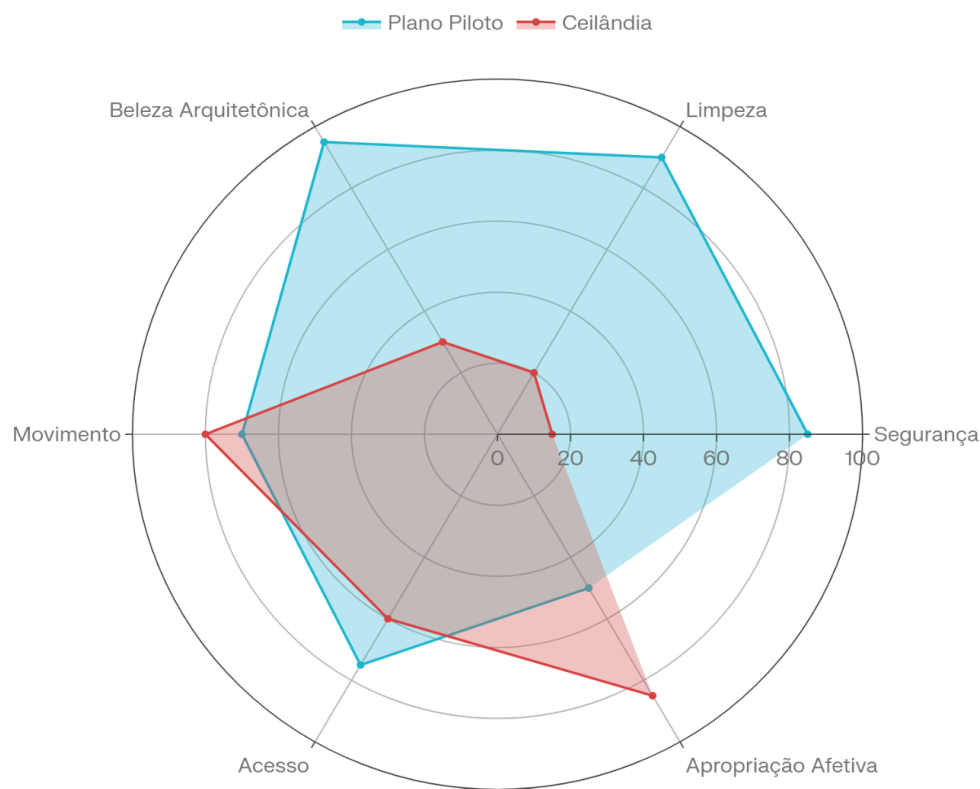
Esses dados foram organizados na categoria “cenários urbanos”, que diz respeito aos lugares onde os afetos se condensam de forma mais intensa. A recorrência de cenários ambíguos aponta para a sobreposição de funções e significados.

Sob a perspectiva da fantasmagoria, esses cenários funcionam como espaços de condensação simbólica. O mesmo lugar pode ser vivido como vital e ameaçador, revelando tensões sociais, desigualdades e conflitos latentes que atravessam o espaço urbano.

Essa leitura evidencia que o medo e a alegria não são distribuídos aleatoriamente, mas seguem padrões relacionados à circulação, à desigualdade socioespacial e à visibilidade pública. Os cenários urbanos tornam-se, assim, índices simbólicos das fraturas da vida urbana.

Como implicação reflexiva, essa fantasmagoria sugere que políticas de segurança e planejamento precisam considerar os significados simbólicos atribuídos aos lugares, reconhecendo que a percepção de perigo é também uma construção social e afetiva.

Os cenários urbanos, portanto, revelam uma cidade atravessada por ambivalências e conflitos, onde a vitalidade convive com o medo.

Figura 20 — Qualidades urbanas: centro e periferia

A pesquisa identificou espaços nos quais os afetos concentram-se com particular intensidade. A Rodoviária do Plano Piloto é simultaneamente mencionada como "mais movimentada" e como um lugar perigoso. Parques e áreas verdes são associados à alegria e ao lazer. Determinadas áreas urbanas (Cemitérios, Setor Comercial Sul e algumas regiões periféricas) concentram as menções de tristeza, medo e insegurança.

O gráfico acima compara Plano Piloto e Ceilândia em 6 dimensões fundamentais do imaginário urbano. Enquanto o Plano Piloto predomina em Segurança (85%), Limpeza (90%), e Beleza Arquitetônica (95%), a Ceilândia predomina em Movimento/Vitalidade (80%) e Apropriação Afetiva (85%). Este contraste é fundamental: a centralidade simbólica não equivale à apropriação vivida. O Plano Piloto é admirado de longe; Ceilândia é vivenciada intensamente, apesar dos perigos e da estigmatização.

5.4 Temporalidades: passado idealizado e presente fragmentado

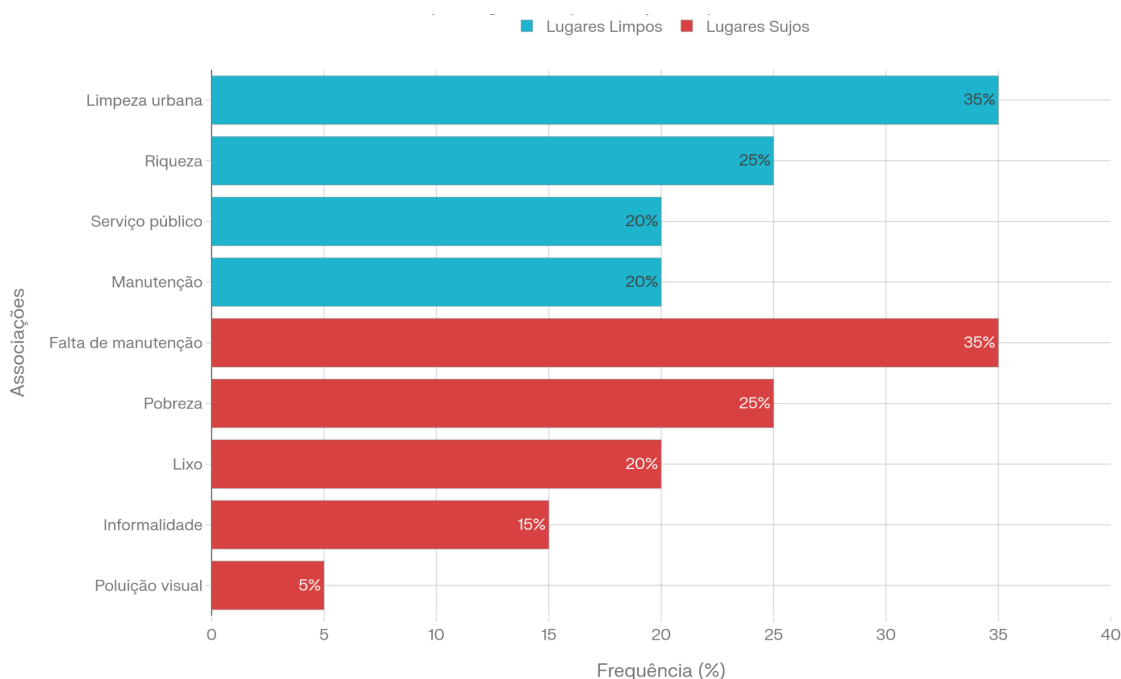
Os dados mostram que muitos respondentes associam Brasília a uma imagem de passado idealizado, frequentemente vinculada à sua fundação e ao projeto original. Em contraste, surgem percepções de deterioração, abandono ou perda de sentido no presente urbano.

Esses dados foram enquadrados na categoria “temporalidades”, que analisa como o tempo é simbolicamente inscrito na cidade. A oposição entre passado e presente emerge como elemento estruturante do imaginário.

Interpretada como fantasmagoria, essa temporalidade revela a persistência de um passado que assombra o presente. A cidade do projeto continua a operar como referência simbólica, mesmo quando o cotidiano aponta para transformações e fraturas.

Essa tensão sugere uma dificuldade coletiva de reinscrever Brasília no presente, produzindo uma cidade constantemente comparada a si mesma.

Do ponto de vista reflexivo, essa fantasmagoria indica a importância de políticas que reconheçam as transformações temporais da cidade, valorizando narrativas contemporâneas e múltiplas.

Figura 21 — Associações simbólicas de lugares urbanos

A pesquisa aponta para uma tensão fundamental entre a imagem de Brasília como projeto modernista e sua experiência presente. A análise dos dados evidencia a fantasmagoria da Utopia Modernista Persistente (frequência de 75%). Muitos respondentes associam Brasília ao seu projeto original, uma promessa de igualdade, modernidade e planejamento racional, mesmo quando reconhecem a fragmentação e as desigualdades do presente. Esta disjunção entre passado idealizado (Brasília como utopia) e presente fragmentado (Brasília como cidade segmentada) estrutura profundamente o imaginário e é pilar para Brasília como uma cidade fantasmagórica.

5.5 Marcas cidadãs, rotinas e outredades

Os dados relacionados a gênero, idade e orientação sexual indicam diferenças relevantes na forma como a cidade é percebida e utilizada. Mulheres relatam maior sensação de insegurança; jovens destacam espaços de lazer; idosos valorizam tranquilidade; populações LGBTQIAP+ aparecem associadas a circuitos específicos de circulação.

Esses dados foram organizados nas categorias “marcas cidadãs”, “rotinas” e “outredades”, que dizem respeito às experiências diferenciadas de grupos sociais.

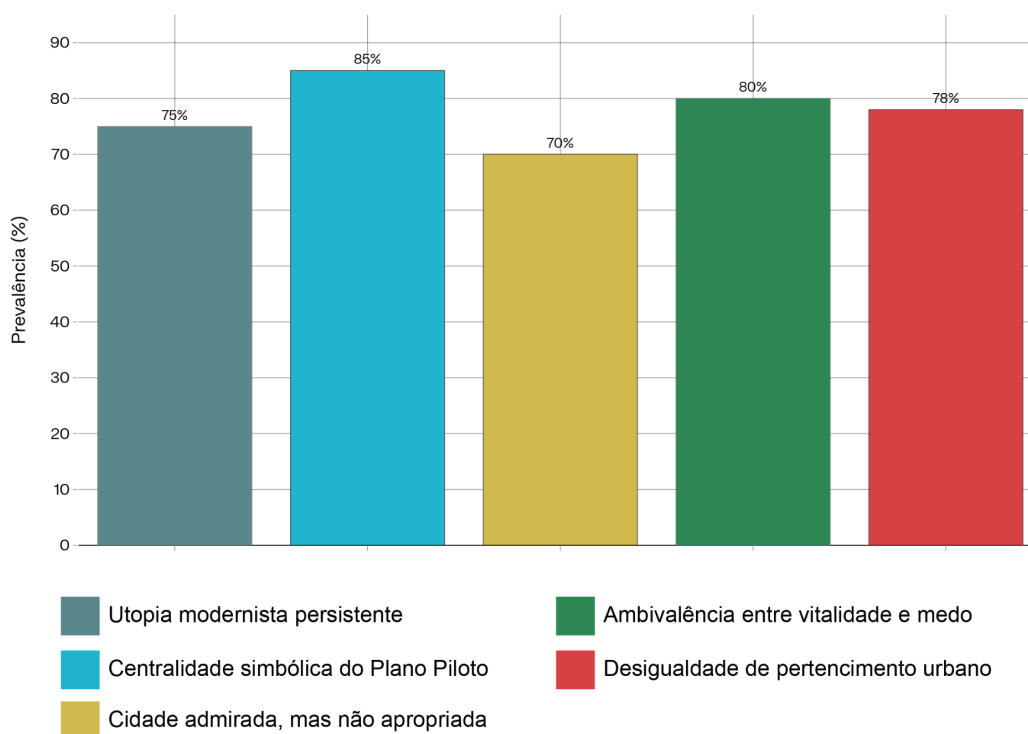
Essas diferenças podem ser interpretadas como fantasmagorias da desigualdade urbana, nas quais certos corpos e identidades vivenciam a cidade sob regimes distintos de visibilidade, segurança e pertencimento.

A ampliação dessa leitura revela que a cidade não é uma experiência homogênea, mas um campo de disputas simbólicas e afetivas.

5.6 Síntese empírica: principais fantasmagorias identificadas

A análise do projeto Brasília Imaginada permite identificar, de forma sintética, as seguintes fantasmagorias centrais do imaginário urbano do Distrito Federal:

1. Fantasmagoria da utopia modernista persistente;
2. Fantasmagoria da centralidade simbólica do Plano Piloto;
3. Fantasmagoria da cidade admirada, mas não apropriada;
4. Fantasmagoria da ambivalência entre vitalidade e medo;
5. Fantasmagoria da desigualdade de pertencimento urbano.

Figura 22 — Fantasmagorias de Brasília

As fantasmagorias identificadas, da utopia modernista persistente, da centralidade simbólica do Plano Piloto, da cidade admirada, mas não apropriada, da ambivalência entre vitalidade e medo e da desigualdade de pertencimento urbano, não se apresentam como imagens isoladas, mas como estruturas simbólicas recorrentes que organizam o imaginário urbano de Brasília. Essas imagens operam como camadas latentes da experiência urbana, orientando percepções, afetos e narrativas cotidianas. No entanto, tais fantasmagorias não são estáticas: elas podem ser intensificadas, deslocadas ou violentamente reconfiguradas diante de eventos de ruptura simbólica. É a partir dessa compreensão que o capítulo seguinte analisará o 8 de janeiro de 2023 como um assombro social capaz de tornar visível aquilo que, até então, permanecia difuso no imaginário urbano da capital.

6. Da utopia à ruptura de um Imaginário

Conforme demonstrado no capítulo anterior, o imaginário urbano de Brasília é estruturado por um conjunto de fantasmagorias persistentes, que organizam afetos, percepções e tensões simbólicas entre cidade planejada e cidade vivida. É nesse campo já tensionado que os acontecimentos de 8 de janeiro de 2023 emergem como um evento-limite, passível de ser interpretado como assombro social. À luz dos dados analisados no Capítulo 5, esse assombro não surge como evento isolado ou exógeno, mas dialoga diretamente com as fantasmagorias urbanas previamente identificadas no projeto Brasília Imaginada, como a fragmentação socioespacial e o medo cotidiano.

Mais do que um episódio de violência política direcionada aos edifícios do Estado, os acontecimentos de 8 de janeiro de 2023 tratam-se de um evento-limite que desestabilizou profundamente as representações consolidadas não somente de Brasília como cidade-símbolo da ordem democrática, da racionalidade modernista e da estabilidade institucional, mas do Brasil enquanto nação em disputa de narrativas. No dia, cerca de 400 pessoas foram presas², e mais de mil no acampamento em frente ao Quartel General do Exército no dia seguinte. Até março, mais de 2 mil envolvidos já haviam sido detidos. Após os ataques, o presidente Lula decretou intervenção federal no Distrito Federal até o fim de janeiro.

Esses ataques do dia 8 de janeiro de 2023³, promovidos por grupos extremistas insatisfeitos com os resultados das eleições presidenciais de 2022, configuram um dos episódios mais simbólicos de ruptura institucional e imaginária da história recente do Brasil. A invasão e depredação simultânea do

² MENDES, Lucas. **Moraes finaliza análise e mantém 294 presos por atos de 8 de janeiro**. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/07/atentado-de-8-de-janeiro-ja-e-fato-historico-mas-ainda-precisa-ser-enfrentado-pelo-pais/>. Acesso em: 03 jul. 2025.

³ LACERDA, Nara. **Atentado de 8 de janeiro já é fato histórico, mas ainda precisa ser enfrentado pelo país**. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/07/atentado-de-8-de-janeiro-ja-e-fato-historico-mas-ainda-precisa-ser-enfrentado-pelo-pais/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

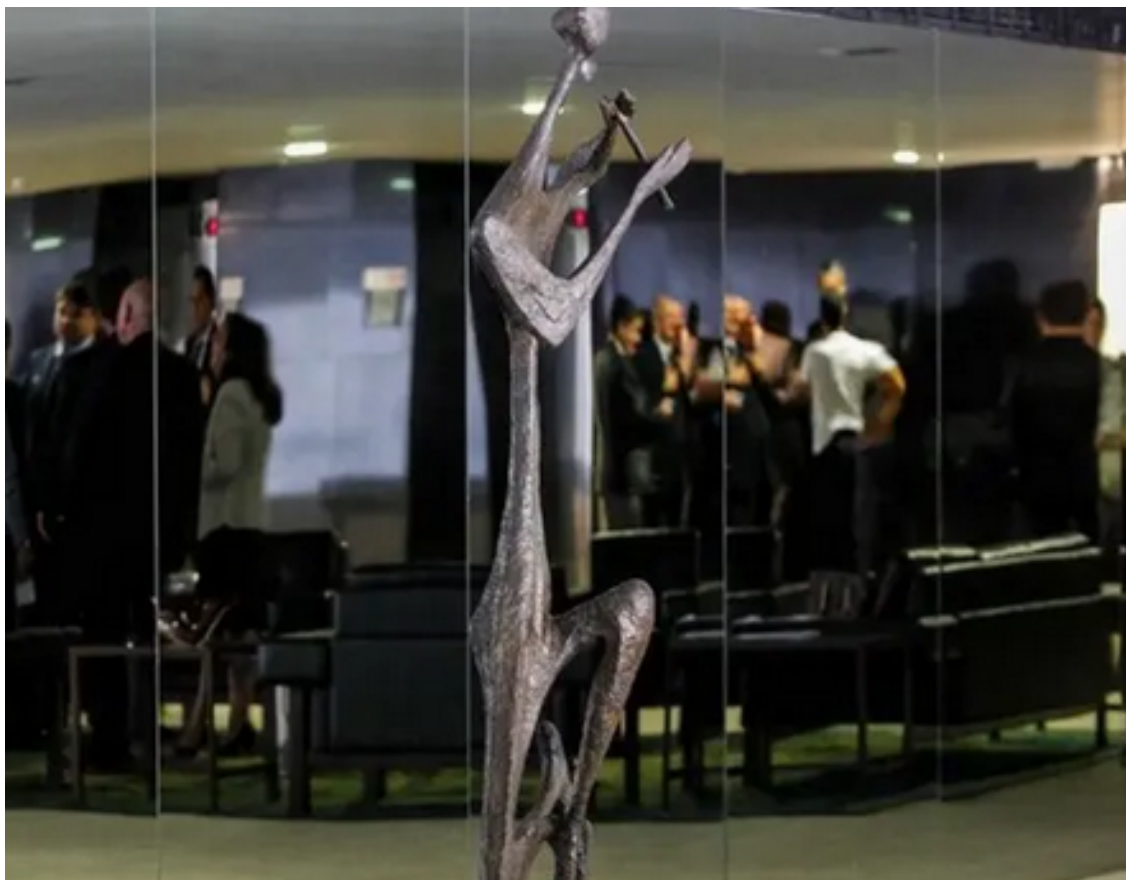
Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal não apenas impactaram o imaginário urbano da capital, mas sobretudo violaram os marcos democráticos do país. Tais eventos podem ser compreendidos como uma manifestação do que Armando Silva (2011) denomina assombro social, um momento de suspensão simbólica e cognitiva onde a cidade, e neste caso, também o país enquanto estrutura e representação, é abruptamente desestabilizada.

As percepções recorrentes de distanciamento afetivo, fragilidade do pertencimento, medo, insegurança e tensão entre centro e margens já indicavam a presença de imagens-fantasma associadas à cidade planejada e à vivência cotidiana fragmentada. O 8 de janeiro, portanto, atua como catalisador simbólico dessas tensões, materializando-as de forma extrema e visível.

O assombro social, conforme define Silva (2011), manifesta-se quando aquilo que não deveria estar ali, segundo a lógica simbólica dominante, se impõe de maneira abrupta (p. 39). No caso de Brasília, o que se torna evidente é a coexistência paradoxal entre a monumentalidade do poder e a fragilidade do reconhecimento democrático. A utopia modernista, sustentada por imagens de ordem, controle e racionalidade espacial, revela seus limites diante da emergência de fantasmas autoritários que atravessam a história política brasileira. Aqui, Brasília sintetiza em si um imaginário de Brasil, enquanto nação, e expõe suas fragilidades democráticas e institucionais.

As imagens amplamente difundidas do episódio, vidraças quebradas, obras de arte vandalizadas, símbolos nacionais profanados, operam como marcas duradouras no imaginário urbano. Não se trata apenas de registros documentais, mas de imagens-fantasma, que passam a habitar a memória coletiva e a reorganizar a leitura simbólica da cidade. Nesse sentido, o evento também se inscreve como uma fantasmagoria, no sentido *benjaminiano*, em que a política se estetiza e se converte em espetáculo traumático, ampliado e perpetuado pelas mediações digitais.

Figura 23 — 'O Flautista', de Bruno Giorgi



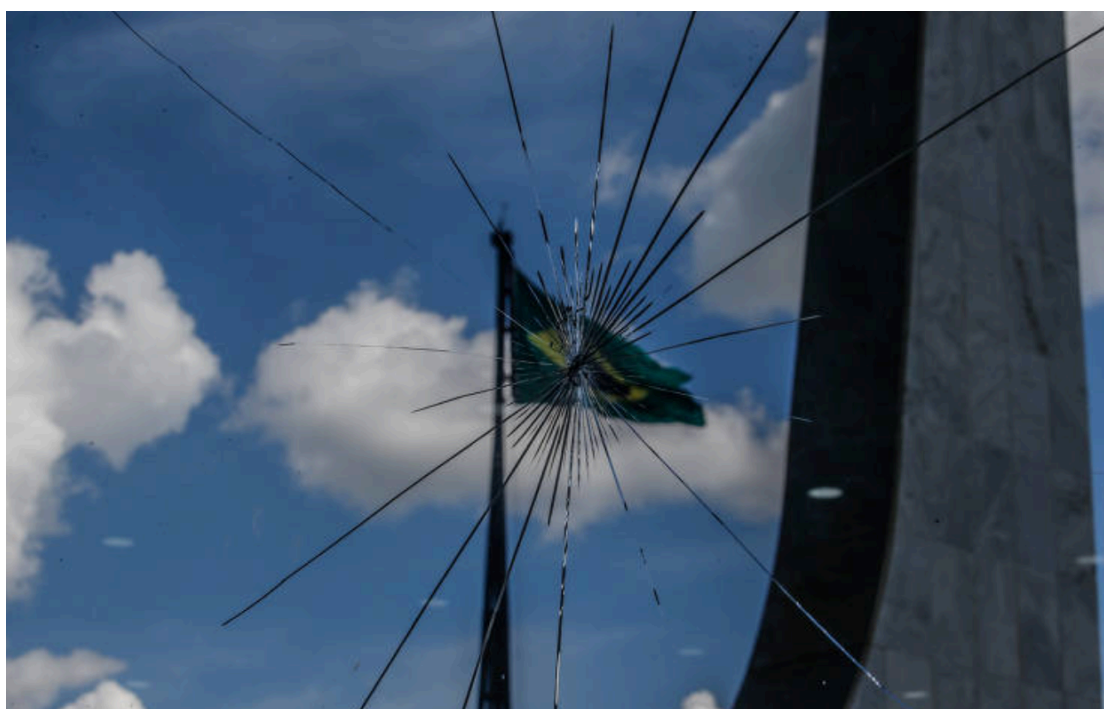
Fonte: Governo Federal

Nesse episódio, o espaço urbano de Brasília se transformou em palco de uma crise perceptiva e institucional nacional. Os atos operaram como uma espécie de teatro simbólico de guerra contra a democracia, e, como tal, desestabilizaram não apenas a vida política, mas também o imaginário coletivo em torno da capital federal. Essa fratura afetiva e cognitiva está diretamente conectada ao conceito de assombro social, pois aquilo que não era visível, se torna evidente (SILVA, 2011, p. 34). Ou seja, os ataques materializaram em ação explícita o que já se insinuava no plano do simbólico: a presença de fantasmas autoritários ainda não resolvidos. Essa ruptura intensifica a fantasmagoria da fragmentação socioespacial identificada nos dados.

A cidade carrega consigo símbolos políticos nacionais, ao ser violada em seus ícones mais representativos, passou a carregar novos sentidos e

inquietações. O espaço público foi ressignificado, e as imagens do vandalismo se converteram em marcas duradouras na memória coletiva. Como aponta Silva (2001), “o imaginário social não é apenas uma percepção coletiva, mas uma categoria cognitiva de alta subjetividade social” (p. 40). O assombro social, portanto, ao tornar visível o invisível, reconfigura o imaginário urbano, deslocando as representações dominantes e instaurando uma nova leitura da cidade como território simbólico em disputa.

Figura 24 — Vidro trincado no Salão Nobre do Palácio do Planalto



Fonte: Folha de São Paulo

A circulação massiva dessas imagens nas redes sociais intensificou o caráter performático do assombro, deslocando-o do espaço físico da Esplanada para uma dimensão simbólica global. O espaço urbano e o espaço digital se sobrepõem, produzindo uma ambiência de guerra simbólica que reforça afetos de medo, ressentimento e polarização. Essa dinâmica dialoga diretamente com as fantasmagorias identificadas no Capítulo 5, especialmente aquelas relacionadas à percepção de perigo, à sensação de exclusão e à ruptura entre a cidade institucional e a cidade vivida.

O 8 de janeiro revela, assim, que Brasília não é apenas cenário, mas agente simbólico de disputas imaginárias profundas. O ataque aos ícones republicanos não representa apenas uma ameaça material ao patrimônio, mas uma tentativa de reconfiguração violenta dos sentidos atribuídos à cidade e ao próprio Estado. A capital federal passa a carregar, em sua paisagem simbólica, a memória de uma ruptura que expõe conflitos históricos não resolvidos, como o autoritarismo latente, a fragilidade da cultura democrática e as desigualdades de reconhecimento entre diferentes grupos sociais.

Nesse contexto, o assombro social atua como revelador das falhas do discurso hegemônico sobre Brasília. A cidade planejada, concebida como espaço de consenso e racionalidade, mostra-se incapaz de absorver plenamente a complexidade dos afetos, das fraturas sociais e das experiências dissidentes que a atravessam. O evento-limite do 8 de janeiro, portanto, não cria novas tensões, mas torna visíveis aquelas que já se manifestavam de forma difusa nos imaginários urbanos captados empiricamente. Essa imagem reconfigura a fantasmagoria do medo e insegurança cotidiana.

A ampla difusão, nas redes e mídias, das imagens da invasão e da destruição de patrimônio público reforça sua inscrição no imaginário urbano como um trauma compartilhado. Como destaca Silva (2001), essas imagens não se limitam aos grandes monumentos: “habitam os muros, as paradas de ônibus, os silêncios e os intervalos da cidade” (p. 42), indicando que as marcas do assombro social não são apenas visuais, mas também afetivas, perceptivas e discursivas. Brasília, nesse contexto, passa a carregar em sua paisagem simbólica os traços de uma tentativa de ruptura institucional que desestabiliza o próprio projeto de nação do qual a cidade é símbolo fundante.

Figura 25 — A invasão de Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023



Fonte: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Figura 26 — Atos golpistas do dia 8 de janeiro de 2023, na Praça dos Três Poderes, em Brasília



Fonte: Joedson Alves/Agência Brasil

Essa dimensão simbólica da cidade em crise encontra eco nos conceitos de Jacques Lacan sobre o “Eu” e o “Outro”. Para Lacan (1998), o sujeito é estruturado a partir da alteridade, sendo constituído no imaginário, mas atravessado pela linguagem e pela ordem simbólica. O espaço urbano, enquanto estrutura cultural e perceptiva, também funciona como espelho, ao mesmo tempo, refletindo e moldando identidades coletivas. No episódio do 8 de janeiro, esse espelho se quebrou. O que se viu na cidade não foi o reflexo de um projeto democrático coeso, mas a irrupção de um Outro radical, um corpo social que rejeita as mediações simbólicas do Estado e busca impor sua presença pela força.

A invasão à Praça dos Três Poderes foi, assim, um evento de assombro. De acordo com Silva (2011), “o assombro aparece quando há um deslocamento na ordem simbólica: aquilo que não deveria estar ali, está; o que não era visível, se torna evidente” (p. 5). Trata-se de uma interrupção da lógica habitual da cidade, onde o previsível e o normativo são substituídos pelo estranho, o disruptivo e o traumático. Esse tipo de fenômeno, segundo Freud (1919), pode ser compreendido como o *unheimlich*, ou “estranhamente familiar”, aquilo que retorna de modo desconcertante, desestabilizando o que se acreditava seguro ou normal. O espaço urbano de Brasília, anteriormente marcado por sua função simbólica de centralidade estatal, foi temporariamente transformado em campo de conflito, revelando fantasmas históricos de autoritarismo, ressentimento e exclusão. Essa cena dialoga com a fantasmagoria do pertencimento seletivo

Para além do episódio em si, a persistência dessas imagens e afetos no tecido simbólico da cidade exige uma resposta no campo das políticas públicas. Como afirma Humberto Maturana, “toda ação política é um ato linguístico” (MATURANA; VARELA, 2001, p. 245), o que implica reconhecer que decisões políticas devem partir da escuta e da participação dos sujeitos que compõem a cidade, inclusive em suas dimensões simbólicas e afetivas. Ao propor um urbanismo sensível às fantasmagorias e aos assombros, Armando Silva (2001, p. 10) defende que “os imaginários não são apenas imagens, mas

modos de viver e narrar o mundo”, ressaltando que o planejamento urbano precisa incorporar os modos como as pessoas significam seus espaços cotidianos, suas perdas e seus desejos.

Como explica Silva (2001), “a cidade é construída como um texto coletivo, feito de signos urbanos, práticas culturais e enunciados simbólicos” (p. 14), e deve ser lida a partir dessas camadas. O assombro, enquanto ruptura perceptiva, convoca o cidadão à reflexão sobre sua posição no espaço social e sobre os sentidos atribuídos à cidade. Ao mesmo tempo, revela “as fraturas do pacto social” (SILVA, 2011, p. 6), tornando visível o conflito entre diferentes projetos de cidade, alguns inclusivos, outros excludentes e autoritários.

O caso de Brasília mostra que as cidades não são apenas cenários, mas atores simbólicos na dramaturgia social. Quando seus espaços são violentados, como ocorreu nos prédios da República, não se trata apenas de uma questão de segurança ou patrimônio, mas de uma fratura no imaginário coletivo, que precisa ser diagnosticada e tratada. Como aponta Lefebvre (2001), “o espaço é um produto social” (p. 73), e por isso as intervenções urbanas, inclusive as de planejamento, devem considerar os significados que os cidadãos atribuem a ele, incluindo os que emergem em momentos de crise.

A degradação de obras e símbolos oficiais, bustos, retratos históricos, fachadas planejadas, foi interpretada como uma performance simbólica, uma profanação do projeto republicano: elimina traços da nação para reforçar um sentimento de pertencimento exclusivo a um 'nós' identitário. Essa ação estreita a intersecção entre fantasmagoria e assombro social: na fantasiosa destruição do passado e na emergência visível de fantasmas autoritários, a cidade se revela sob outra lente, distorcida, violenta e reveladora.

Artigos recentes, como os do *Le Monde Diplomatique*⁴, descrevem o dia 8 de janeiro como “performance” política e estética, cujo papel era exorcizar símbolos da república, traçando uma ponte entre a ‘pátria cristã’ e o sacrifício

⁴ Coletivo Desmedida do Possível. **Pensando o 8 de Janeiro**, 2023. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/pensando-o-8-de-janeiro/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

simbólico dos ícones nacionalistas corroídos. Nesse sentido, as redes sociais funcionaram como arma simbólica na construção de uma narrativa traumática: selfies em meio ao caos, mobílias quebradas, imagens de violência circulando globalmente reforçam a perenidade dessa fantasmagoria, ampliando o assombro social para além do espaço físico

Porém, esse reposicionamento ignora ausências persistentes no imaginário moral da cidade, como a questão indígena, indicativa da necessidade de uma reparação simbólica mais profunda, não apenas formal. Por fim, aprofunda-se no campo das políticas públicas a urgência por um urbanismo sensível ao trauma coletivo. Aprofundando-se nas ideias de Armando Silva (2001), entende-se que a cidade não se reconstrói somente com concreto, mas por meio de diálogos que acolham as ruínas, as faltas e o assombro. Neste contexto, as fantasmagorias, como as imagens para sempre vinculadas ao 8 de janeiro, devem ser assumidas como matéria-prima para intervenções simbólicas, artísticas, educativas e participativas, capazes de ressignificar Brasília como palco de memórias coletivas complexas, e não apenas como vitrine idealizada de um Brasil utópico.

De acordo com Walter Benjamin (2006), a fantasmagoria moderna se refere à estetização de processos políticos que, ao serem convertidos em espetáculo, ocultam as estruturas de dominação que os sustentam. No caso de Brasília, as imagens viralizadas dos ataques aos Três Poderes, bandeiras içadas por vândalos, vidraças estilhaçadas, obras de arte destruídas, constituíram uma forma de estetização do colapso democrático. Estas imagens passaram a assombrar o imaginário urbano, operando como marcas visuais e afetivas de uma violência que, embora física e pontual, permanece inscrita na paisagem simbólica da cidade.

A análise dos atentados de 8 de janeiro de 2023 ganha densidade ao incorporar as discussões apresentadas por Garrossini et al. (2023) sobre o papel das redes sociais digitais na fabricação de manifestações políticas, especialmente em contextos de radicalização e desinformação. Conforme

argumentam os autores, o processo que culminou nos ataques à sede dos Três Poderes, em Brasília, foi profundamente influenciado pela reconfiguração do espaço público promovida pelas mídias digitais, que, de instrumentos de expressão popular, passaram a operar como “bolhas algorítmicas” de fabricação do fascismo.

A fabricação do evento, longe de se limitar à mobilização física, foi amplamente orquestrada por meio de narrativas polarizadoras disseminadas nas redes sociais. A atuação coordenada em plataformas como *Twitter*, *WhatsApp* e *Telegram* construiu uma ambiência de guerra simbólica, alimentando, nas palavras dos autores, um “senso de nós contra eles” que fomentou a explosão de discursos violentos e a legitimação da destruição como forma de ação política (Garrossini et al., 2023, p. 47). Esse fenômeno se articula com o conceito de fantasmagoria, em que o espetáculo político é estetizado e amplificado digitalmente, reforçando a construção de uma memória coletiva traumática (Benjamin, 2012).

Garrossini et al. (2023) destacam, ainda, que as redes sociais digitais assumiram centralidade não só na organização dos atos, mas também na circulação de imagens e afetos, acelerando a difusão dos acontecimentos e contribuindo para a sua inscrição no imaginário urbano de Brasília. O celular, como “máquina semiótica”, transforma-se em arma simbólica, tanto na produção de registros quanto na reafirmação do pertencimento a uma massa politicamente mobilizada. Essa estetização, conforme já analisado por Benjamin (2012), intensifica o caráter performático do evento e contribui para sua permanência enquanto fantasmagoria urbana.

Outro ponto central é a análise da manipulação discursiva, potencializada por *fake news* e narrativas conspiratórias, que, segundo Fontanille (2019), opera uma semiótica do discurso pautada na exploração das fragilidades dos grupos sociais, produzindo um ambiente propício ao surgimento de bolhas informacionais e à radicalização. Tais práticas revelam como o espaço simbólico da cidade e o espaço digital se entrelaçam na

produção do assombro social, materializando desejos, medos e ressentimentos anteriormente latentes (Silva, 2011).

Essa ruptura também pode ser lida através das lentes da psicanálise lacaniana. Jacques Lacan (1998) argumenta que o sujeito é constituído pela linguagem e estruturado a partir da alteridade. O “Eu” se constrói sempre em relação ao “Outro”, e o desejo do sujeito é, essencialmente, o desejo do Outro. No contexto do assombro social de Brasília, o “Outro” democrático foi simbolicamente eliminado pelo desejo autoritário de reinstaurar um sistema de identificação imaginária baseado na exclusão e na homogeneização. A destruição dos signos do Estado revela, assim, uma tentativa de recusa do Outro e de afirmação narcísica de um sujeito coletivo ameaçado pela pluralidade democrática.

A leitura do episódio como assombro social permite deslocar a análise do campo estritamente institucional para uma compreensão mais ampla das dimensões simbólicas, afetivas e cognitivas da vida urbana. Nesse sentido, o 8 de janeiro não deve ser compreendido apenas como exceção ou anomalia, mas como sintoma de uma crise mais profunda no modo como a cidade é vivida, percebida e significada por seus habitantes.

6.1 Os caminhos do Imaginário

A análise desenvolvida ao longo desta pesquisa confirma a potência dos Imaginários Urbanos, conforme propostos por Armando Silva (2001), como chave interpretativa para compreender as relações entre cidade, subjetividade e política. Ao articular dados empíricos, categorias simbólicas e eventos-limite, permite-se acessar camadas da experiência urbana que escapam às abordagens tradicionais do urbanismo técnico e da análise institucional.

Os achados do projeto *Brasília Imaginada* revelaram um conjunto consistente de fantasmagorias centrais no imaginário da capital: a discrepância

entre monumentalidade e cotidiano, a tensão entre centro e periferias, a ambivalência entre orgulho simbólico e distanciamento afetivo, a recorrência de afetos associados ao medo e à insegurança, e a fragilidade do pertencimento urbano. Essas imagens-fantasma configuram um campo simbólico marcado por contradições estruturais, que antecedem e preparam o terreno para o assombro social analisado no capítulo anterior.

O 8 de janeiro emerge, assim, como síntese e intensificação dessas fantasmagorias. O evento não inaugura um novo imaginário, mas reconfigura violentamente imagens já existentes, deslocando-as do plano difuso da percepção cotidiana para uma cena explícita de ruptura simbólica. A utopia modernista de Brasília, enquanto narrativa fundadora, entra em colapso momentâneo, revelando-se incapaz de sustentar, sozinha, o pacto simbólico da cidade.

Nesse sentido, os caminhos do imaginário apontam para a necessidade de repensar o planejamento urbano e as políticas públicas a partir de uma escuta mais sensível das dimensões simbólicas da vida urbana. As fantasmagorias e os assombros não devem ser tratados como ruídos ou desvios, mas como indicadores privilegiados das tensões sociais, afetivas e políticas que atravessam o território.

A cidade, entendida como texto coletivo e obra inacabada, exige interpretações que considerem suas ausências, seus silêncios e suas imagens persistentes. Incorporar os imaginários urbanos ao diagnóstico e à reflexão sobre a cidade significa reconhecer que o espaço urbano é também campo de disputa simbólica, onde se performam identidades, conflitos e projetos de futuro.

Dessa forma, a análise aqui desenvolvida prepara o terreno para as considerações finais desta dissertação, reafirmando que compreender Brasília a partir de suas fantasmagorias e assombros não é apenas um exercício interpretativo, mas um gesto político. Trata-se de reconhecer que a cidade não se reconstrói apenas pela técnica ou pela norma, mas pela capacidade de

elaborar coletivamente suas rupturas, memórias e desejos, transformando o trauma em possibilidade de reflexão crítica e reinvenção democrática, capazes de ressignificar Brasília como palco de memórias coletivas complexas, e não apenas como vitrine idealizada de um Brasil utópico. Essa reconfiguração simbólica amplia-se ao imaginário urbano na totalidade, revelando implicações para a cidade, a política e o planejamento sensível às fantasmagorias persistentes.

Nesse sentido, o evento não esgota sua potência analítica em si, mas permite compreender como o imaginário urbano opera em crises, revelando a fragilidade dos pactos simbólicos que sustentam a cidade, a democracia e o espaço público.

Considerações finais

Esta pesquisa perguntou: como os conceitos de fantasmagoria e assombro social, aplicados à análise dos dados do projeto Brasília Imaginada, permitem interpretar as percepções simbólicas dos cidadãos sobre Brasília e suas implicações para o planejamento urbano e as políticas públicas? O trabalho demonstrou que as fantasmagorias, cidade monumental distante, fragmentação socioespacial, medo/insegurança cotidiana e pertencimento seletivo, revelam tensões entre cidade planejada e vivida, intensificadas pelo assombro social do 8 de janeiro como catalisador simbólico.

Os principais achados empíricos identificam as seguintes fantasmagorias como resultados da análise dos dados do Brasília Imaginada: cidade monumental distante, fragmentação socioespacial, medo/insegurança cotidiana, pertencimento seletivo. O assombro social atua como elemento de intensificação dessas fantasmagorias, revelando seu papel na reconfiguração do imaginário urbano.

Os resultados indicam que os imaginários urbanos não são camadas acessórias da vida urbana, mas estruturas cognitivas e afetivas que organizam a percepção da cidade, influenciam práticas cotidianas e revelam conflitos que não se manifestam plenamente nos diagnósticos técnicos tradicionais. Assim, a pesquisa confirma a hipótese de que as fantasmagorias constituem um instrumento analítico eficaz para identificar zonas de dissonância entre o projeto urbano, a imagem oficial da cidade e a experiência vivida de seus cidadãos. Demonstra-se, assim, que as fantasmagorias urbanas constituem operadores centrais para compreender as tensões simbólicas de Brasília, enquanto o assombro social atua como mecanismo de revelação e intensificação dessas estruturas latentes.

A análise dos dados do projeto *Brasília Imaginada*, apresentada no Capítulo 5, permitiu identificar um conjunto consistente de fantasmagorias urbanas que estruturam o imaginário coletivo do Distrito Federal. Entre os principais achados empíricos, destacam-se:

1. Fantasmagoria da cidade monumental distante: os dados revelam a centralidade simbólica do Plano Piloto e de seus marcos institucionais como emblemas urbanos, simultaneamente associados a sentimentos de orgulho e de afastamento afetivo. Essa discrepância evidencia a persistência da imagem da cidade planejada como ideal normativo, ainda que a experiência cotidiana seja marcada por baixa identificação e apropriação simbólica.
2. Fantasmagoria da fragmentação socioespacial: as percepções associadas às Regiões Administrativas periféricas revelam sentimentos recorrentes de insegurança, invisibilidade e exclusão, contrastando com a imagem de modernidade e ordem atribuída aos espaços centrais. Essa fantasmagoria expressa a tensão entre centro e margens como eixo estruturante do imaginário urbano brasiliense.

3. Fantasmagoria do medo e da insegurança cotidiana: a recorrência de associações entre determinados territórios e sensações de perigo, especialmente entre mulheres e grupos de baixa renda, evidencia que o medo opera como organizador simbólico da experiência urbana, afetando práticas de circulação, uso do espaço público e pertencimento.
4. Fantasmagoria do pertencimento seletivo: os dados indicam que a cidade é percebida como mais acolhedora para determinados grupos sociais do que para outros, revelando assimetrias simbólicas de gênero, classe e idade que estruturam os croquis afetivos dos cidadãos.

Essas fantasmagorias não se apresentam como fenômenos isolados, mas como camadas sobrepostas, que configuram um imaginário urbano marcado por ambivalência, contradição e disputas de sentido.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui ao articular de forma integrada os conceitos de imaginários urbanos, fantasmagorias e assombro social, demonstrando sua complementaridade analítica. O trabalho evidencia que as fantasmagorias identificadas nos dados empíricos não são meras abstrações simbólicas, mas estruturas cognitivas que podem, em momentos de crise, reconfigurar-se como assombros sociais, conforme analisado no Capítulo 6 a partir dos eventos de 8 de janeiro de 2023.

Metodologicamente, a dissertação reforça a potência da abordagem proposta por Armando Silva ao aplicar categorias analíticas (croquis, qualidades, cenários, temporalidades, marcas cidadãs, rotinas e outredades) de forma sistemática, associando descrição empírica, interpretação simbólica e implicações reflexivas. O uso do questionário do *Brasília Imaginada* demonstrou ser eficaz para captar percepções afetivas e mapear tensões simbólicas que escapam às métricas urbanísticas convencionais.

À luz dos objetivos delineados no início do trabalho, considera-se que o objetivo geral, analisar como as fantasmagorias e os assombros sociais

identificados nos imaginários urbanos de Brasília, a partir dos dados do projeto Brasília Imaginada, expressam tensões simbólicas entre cidade planejada e cidade vivida e de que modo podem informar reflexões sobre políticas públicas mais sensíveis, foi plenamente alcançado, uma vez que a análise empírica evidenciou, com base nas quatro fantasmagorias identificadas (cidade monumental distante, fragmentação socioespacial, medo/insegurança cotidiana e pertencimento seletivo), a estruturação simbólica dessas tensões e demonstrou o papel do assombro social como catalisador e intensificador dessas camadas latentes do imaginário urbano.

Também foram cumpridos os objetivos específicos de identificar e interpretar criticamente as fantasmagorias presentes nos dados do Brasília Imaginada, articular os conceitos de imaginários urbanos, fantasmagoria e assombro social e refletir sobre suas implicações para o planejamento urbano e as políticas públicas; por outro lado, como previsto no escopo da pesquisa, não se propôs e, portanto, não se realizou, a formulação direta de políticas públicas ou a aplicação prática das proposições no campo institucional, permanecendo essa dimensão como desdobramento possível para investigações futuras.

Além disso, futuras investigações podem explorar metodologias híbridas, combinando dados quantitativos, narrativas visuais, cartografias afetivas e práticas artísticas como dispositivos de leitura do urbano. Em contextos de crise democrática, como o analisado neste trabalho, a compreensão das fantasmagorias e dos assombros sociais torna-se não apenas um exercício acadêmico, mas uma ferramenta crítica para a reconstrução simbólica do espaço público.

Conclui-se, portanto, que pensar Brasília a partir de seus imaginários, não é apenas interpretar a cidade, mas intervir criticamente em seus modos de existir, reconhecendo que o urbano é também feito de ausências, memórias, conflitos e desejos coletivos. Ao tornar visíveis essas camadas simbólicas, esta

dissertação reafirma que o futuro das cidades depende, em grande medida, da capacidade de escutar aquilo que nelas insiste em aparecer como fantasma.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2006.

BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida. **El espacio público: ciudad y ciudadanía**. Barcelona: Electa, 2003.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Título original: *Le città invisibili*. 1972.

FERRARA, Lucrécia. **Design em Espaços**. São Paulo: Edusp, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FREUD, Sigmund. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (Conferências introdutórias sobre psicanálise)**. (1917). *Gesammelte Werke*, v. XI. Londres: Imago, 1944.

GARROSSINI, Daniela Fávaro et al. **As redes sociais, a fabricação de manifestações populares e os atentados contra a democracia em 8 de Janeiro de 2023 no Brasil**. *Journal of Latin American Communication Research*, v. 11, n. 1, p. 34-48, 2023.

DOI: <https://doi.org/10.55738/journal.v11i1p.34-48>

GRIFFERO, Tonino. **Atmospheres: Aesthetics of Emotional Spaces**. London: Routledge, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HOLSTON, James. **A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

IPHAN. (2018). **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Superintendência do Iphan no Distrito Federal e Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal. Brasília: Carlos Madson Reis, Cláudia Marina Vasques e Sandra Bernardes Ribeiro.

LACAN, Jacques. (1957-58). **Le Séminaire. Livre V: Les formations de l'inconscient**. Paris: Seuil, 1998.

_____. **Escritos**. (1957). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (1957). “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (2009). **O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário proferido em 1953-54)

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 5 ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2008.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade: arte e comunicação**. Tradução: Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1960.

MANZINI, Ezio. **Design, quando todos fazem design: uma introdução ao design para a transformação social**. Tradução de Janaina de Faria. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Tradução de Humberto Mariotti. São Paulo: Palas Athena, 2001.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7–28, 1993.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SANTOS, Boaventura S. Para ampliar a cãnone democrático. In: **Os caminhos da democracia participativa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004

SILVA, Armando. **Imaginários: estranhamentos urbanos**. Tradução: Carmen Ferrer. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

_____. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva ; Bogotá: Convenio Andres Bello, 2001.

_____. **Imaginarios urbanos:** *hacia la construcción de un urbanismo ciudadano. Metodología.* Bogotá: Convenio Andrés Bello, Universidad Nacional de Colombia, 2006.

_____. **Imaginarios:** *el asombro social.* Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2011.

Anexo I — Questionário: PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo — CYCLI BRASÍLIA IMAGINADA

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo — CYCLI BRASÍLIA IMAGINADA Survey

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASÍLIA IMAGINADA

Pedimos que responda de maneira espontânea. Este questionário objetiva compreender somente os modos de percepção, sem medir qualquer tipo de conhecimento, atitudes morais, aptidões técnicas ou profissionais. A aplicação do questionário aconteceu de modo simultâneo em várias cidade e metrópoles da América Latina e em comunidades latinas do mundo. Os resultados serão públicos e gratuitos, e serão divulgados e poderão ser conhecidos pelas redes sociais e diversos meios de comunicação públicos. O projeto conta com o suporte de distintos entes acadêmicos e de pesquisa.

Obrigado!

1. Local de Moradia?

Bairro/
Cidade

2. Local de Trabalho/atividade?

Bairro/
Cidade

3. Atividade?

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

1/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

- ☐ Desempregado
- ☐ Empregado
- ☐ Estudante
- ☐ Autônomo
- ☐ Pensionista/Aposentado
- ☐ Outro, Qual?

4. Nível socioeconômico:

- ☐ Classe alta
- ☐ Classe média
- ☐ Classe baixa

5. Nível educacional completo?

- ☐ Primário (1º Grau)
- ☐ Secundário (2º Grau)
- ☐ Universitário (Graduado)
- ☐ Pós-graduação
- ☐ Nenhum

6. Idade?

- ☐ 18-24 anos

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

2/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

- ☐ 25-45 anos
- ☐ 46-65 anos
- ☐ mais de 66 anos

7. Gênero?

- ☐ F
- ☐ M
- ☐ Outro

8. Origem

- ☐ Nascido na cidade, com algum dos pais naturais da cidade
- ☐ Nascido na cidade, com os pais naturais de outras cidades
- ☐ Não é nascido na cidade, mas vive nela

9. Com quem você vive?

- ☐ Família
- ☐ Amigos(as)
- ☐ Sozinho(a)
- ☐ Outro, qual?

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

3/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

I CIDADE

QUALIDADES URBANAS

10. Quando você pensa em sua cidade, que personagem (pessoa/personalidade) você acha que a identifica?

11. Com que imagem ou palavra você identificaria as seguintes áreas, ruas ou locais a seguir?

Bonfim
(Bonfim-
Cobrac-
Subestação)

Trapiche
de Baixo

Rua Direita

Rua da
Feira

Rua do
Amparo

Candolândia

Santa
Luzia

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

4/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

Derba

São Brás

Ilha do
Dendê

Praça da
Purificação

12. Mencione três lugares que você acha que
identificam sua cidade:

1.

2.

3.

13. Qual é o clima que você mais identifica em sua
cidade?

☐ Frio

☐ Temperado

☐ Quente

14. Qual é o período do dia que mais identifica a
sua cidade?

☐ Manhã

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

5/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

☐ Tarde

☐ Noite

15. Quando você pensa em sua cidade, com que cor você a identifica?

☐ Amarelo

☐ Azul

☐ Branco

☐ Cinza

☐ Laranja

☐ Preto

☐ Verde

☐ Violeta

☐ Vermelho

☐ Outro, qual?

16. Com que gênero musical você identifica sua cidade?

☐ Bachata

☐ Cumbia

☐ Funk

☐ Merengue

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

6/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

- ☐ MPB
- ☐ Reggaetón
- ☐ Rock
- ☐ Salsa
- ☐ Samba
- ☐ Tango
- ☐ Outro, qual?

17. Cite três lugares representativos da ARQUITETURA de sua cidade:

1

2

3

18. Cite três lugares representativos da PAISAGEM NATURAL da sua cidade:

1

2

3

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

7/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

19. Escolha um lugar representativo de sua cidade que represente a:

“Cidade popular”

“Cidade classe média”

“Cidade dos ricos”

20. Na sua opinião, qual é o acontecimento mais importante do ÚLTIMO ANO na história de sua cidade?

21. Qual é o acontecimento mais importante nos ÚLTIMOS VINTE ANOS?

22. Qual é o acontecimento mais importante NA HISTÓRIA da cidade?

23. Quando você pensa sobre o futuro de sua cidade nos próximos 20 anos, com o que você a identificaria?

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

8/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

24. Como você percebia sua cidade ANTES da pandemia? (Marque as opções que desejar)

- ☐ Alegre
- ☐ Cansada
- ☐ Perigrosa
- ☐ Segura
- ☐ Triste
- ☐ Vivida

25. Informe quais são os três sentimentos dominantes DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA, sem diferenças por confinamento ou não, e classifique ao lado direito com os números 1,2 ou 3, de acordo com o que seja mais ou menos dominante, sendo 1 o mais dominante e 3 o que menos dominante.

Aborrecimento

Angústia

Amor

Descanso

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

9/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

Entrega

Espiritualidade

Felicidade

Morte

Raiva

Solidariedade

26. Qual o período de tempo você sente como atributo à pandemia?

- ☐ O presente
- ☐ O passado
- ☐ O futuro

27. Você acredita que quando sairmos da pandemia, o mundo:

- ☐ Melhorará na relação entre as pessoas
- ☐ Piorará na relação entre as pessoas
- ☐ Seguirá igual

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

10/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

28. Diga três palavras com as quais você qualifica a COVID19 como se já tivesse passado a pandemia:

1.

2.

3.

29. Diga a cor dominante durante o confinamento:

☐ Amarelo

☐ Azul

☐ Branco

☐ Cinza

☐ Laranja

☐ Preto

☐ Verde

☐ Violeta

☐ Vermelho

☐ Outro, qual?

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRP1>

11/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

30. Diga a cor dominante quando você saiu às ruas após o confinamento:

☐ Amarelo

☐ Azul

☐ Branco

☐ Cinza

☐ Laranja

☐ Preto

☐ Verde

☐ Violeta

☐ Vermelho

☐ Outro, qual?

31. Cite um som que te recordará a pandemia:

32. Cite um sabor que te recordará a pandemia:

33. Cite um objeto que não quer ou não queria perder na pandemia:

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

12/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

QUALIFICAÇÕES URBANAS

34. Como você classificaria seu local de trabalho?
(Se desejar, você pode marcar
mais de uma opção)

- ☐ Agradável
- ☐ Cômodo
- ☐ Desagradável
- ☐ Estressante
- ☐ Insalubre
- ☐ Saudável
- ☐ Tenso
- ☐ Tranquilo
- ☐ Outro, qual?

35. Enumere três necessidades básicas que você
acha que sua cidade carece?

1.

2.

3.

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

13/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

36. Qualifique os seguintes aspectos da sua cidade:

(Escala 1 = muito ruim / 5 = muito bom)

	1	2	3	4	5
Limpeza	☐	☐	☐	☐	☐
Beleza	☐	☐	☐	☐	☐
Qualidade de vida	☐	☐	☐	☐	☐
Educação	☐	☐	☐	☐	☐
Meio ambiente	☐	☐	☐	☐	☐
Recreação	☐	☐	☐	☐	☐
Saúde	☐	☐	☐	☐	☐
Segurança	☐	☐	☐	☐	☐
Tráfego	☐	☐	☐	☐	☐
Transporte público	☐	☐	☐	☐	☐
Uso do espaço público	☐	☐	☐	☐	☐

37. O que você MAIS gosta em sua cidade?

38. O que você MENOS gosta em sua cidade?

39. Qualifique a contaminação (Escala 1 = nada / 5 = muito)

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

14/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

	1	2	3	4	5
Atmosférica	☐	☐	☐	☐	☐
Auditiva	☐	☐	☐	☐	☐
Visual	☐	☐	☐	☐	☐

40. Qualifique a gestão/trabalho dos dirigentes de sua cidade em relação aos seguintes aspectos (Escala 1 = muito ruim / 5 = muito bom)

	1	2	3	4	5
Gestão institucional	☐	☐	☐	☐	☐
Planejamento	☐	☐	☐	☐	☐
Programas sociais	☐	☐	☐	☐	☐
Serviços de saúde	☐	☐	☐	☐	☐
Serviços públicos	☐	☐	☐	☐	☐

41. Qualifique sua percepção sobre a corrupção dos dirigentes de sua cidade durante a pandemia? (Escala 1 = muito ruim / 5 = muito bom):

	1	2	3	4	5
Escala	☐	☐	☐	☐	☐

CENÁRIOS URBANOS

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

15/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

42. Quando você marca um encontro com alguém, você o faz em: (Marque apenas um)

- ☐ Bar
- ☐ Cafeteria
- ☐ Casa
- ☐ Shopping
- ☐ Esquina
- ☐ Igreja
- ☐ Parque
- ☐ Restaurante
- ☐ Teatro
- ☐ Outro, qual?

43. Se você usa aplicativos digitais para marcar um encontro, diga-nos qual é sua plataforma preferida:

44. Cite 06(seis) lugares de diversão que tenha sua cidade física ou espaços digitais da cidade, sem se importar em diferenciar uma de outra:

1.

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

16/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

2.

3.

4.

5.

6.

45. Que lugar de sua cidade física ou digital você frequenta mais na sua vida em casal:

46. Que lugar de sua cidade física ou digital você frequenta mais com seus(suas) amigos(as)

47. Em que medida você gosta desses lugares?
(escala 1 = nada / 5 = muito)

	1	2	3	4	5
Bonfim (Bonfim- Cobrac- Subestação)	☐	☐	☐	☐	☐
Trapiche de Baixo	☐	☐	☐	☐	☐

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

17/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

	1	2	3	4	5
Rua Direita	☐	☐	☐	☐	☐
Rua da Feira	☐	☐	☐	☐	☐
Rua do Amparo	☐	☐	☐	☐	☐
Candolândia	☐	☐	☐	☐	☐
7 Santa Luzia	☐	☐	☐	☐	☐
8 Derba	☐	☐	☐	☐	☐

48. Mencione uma rua ou local que você considere ser:

A(o) mais perigosa(o)?

Com o melhor cheiro?

Com o cheiro mais desagradável?

Com mais movimento?

Com mais bares:

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

18/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

Mais
lugares
com
acesso à
internet
pública?

Mais
frequentad
a por
mulheres?

Mais
frequentad
a por
homens?

Mais
frequentad
a por
jovens?

Mais
frequentad
a por
idosos?

Mais
transitada
por
transgêner
os

Mais
transitada
por
homossex
uais

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

19/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

Mais
triste?

Mais
alegre?

Local com
a maior
venda de
rua
(comércio)
?

E o que
identifica
esse local?

A rua mais
limpa?

E com o
que
associa
essa
limpeza?

A rua mais
suja?

E com o
que
associa
essa
sujeira?

49. Se você deseja receber informações sobre a
pesquisa, por favor, escreva seu e-

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

20/21

06/04/2022 14:16

PROJETO INTERNACIONAL Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo – CYCLI BRASILIA IMAGINADA Survey

mail:

E-mail



Listo

<https://es.surveymonkey.com/r/CYCLIBRBP1>

21/21

Anexo II — Tabela: Pontos de vista

Renda	Baixa Renda				Média Renda				Alta Renda			
	Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens	
Gênero	18-24	25-45	46-65	66+	18-24	25-45	46-65	66+	18-24	25-45	46-65	66+
Faixa etária												
Pontos de vista sobre:												
Três lugares representativos da Arquitetura												
Lugar 1	Casa do Cariador	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Lugar 2	Calva Nacional	Expo Monumental	Museu Nacional	Palácio do Buriti	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Lugar 3	Catedral	Estadão dos Ministérios	Estadão dos Ministérios	Estadão dos Ministérios	Estadão dos Ministérios	Estadão dos Ministérios	Estadão dos Ministérios	Estadão dos Ministérios	Estadão dos Ministérios	Estadão dos Ministérios	Estadão dos Ministérios	Estadão dos Ministérios
Lugar representativo	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Cidade popular	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Cidade média	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Cidade dos ricos	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Lugares da cidade	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Mais perigoso	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Melhor cheiro	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Por cheiro	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Mais movimentado	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Com mais bares	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Acesso público	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Mais transitado por mulheres	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Mais transitado por homens	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Mais transitado por jovens	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Mais transitado por idosos	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Mais transitado por transgênero	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Mais transitado por LGBTQIA+	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Mais triste	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Mais alegre	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Com maior venda de rua	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
E com a que a identifica	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Mais limpa	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
E com o que a associa	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
Mais suja	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral
E com o que a associa	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral	Catedral